

Ode à mestiçagem

Jornada internacional reúne, em Marília, 30 especialistas de 17 universidades para lembrar os cem anos de nascimento do sociólogo pernambucano Gilberto Freyre, que escreveu apaixonadamente sobre a mistura de raças no Brasil.

Págs. 6 e 7

Barrados no paraíso

Na globalização, as fronteiras continuam inexpugnáveis para os deserdados do planeta.

Pág. 5



Imigrantes italianos chegam ao Brasil

Arquivo do pesquisador



De louco, o genial Van Gogh não tinha nada.

Pág. 16

Maior gelada

Os perigos que se escondem num simples suco ou drinque *on the rocks.*

Pág. 14



Hélio Toth

ENTREVISTA

Ao término do mandato, o reitor da UNESP, Antonio Manoel dos Santos Silva, faz um balanço crítico de sua gestão. Págs. 8 e 9

O Natal, em verso e prosa

OSCAR D'AMBROSIO



"Não há muito que dizer: Uma canção sobre um berço/ Um verso, talvez, de amor." As palavras de Vinicius de Moraes podem desanimar qualquer tentativa de percorrer as verdades do Natal na poesia e na prosa brasileiras. Porém, com o devido respeito

e vênia do poetinha, talvez seja possível ser original ao tratar do dia em que os cristãos festejam o nascimento do Menino Jesus. Basta verificar a variedade de formas utilizadas por contistas, cronistas e poetas brasileiros para enfatizar o tema.

Mestre das palavras, Aurélio Buarque de Holanda deu ao substantivo natal três sentidos: 1 - dia do nascimento; 2 - dia em que se comemora o nascimento de Cristo, situação em que deve ser escrito com letra maiúscula; e 3 - qualquer canção de caráter popular inspirada nos festejos ou personagens natalinos. O próprio Aurélio, porém, em seu conto "Numa Véspera de Natal", permite que a rigidez normativa ceda espaço à história de um sujeito esquisitão, meio maluco, avesso às convenções da sociedade, caminhando só, no silêncio da noite - "cada vez mais longe da compreensão humana".

Mas o homem que virou sinônimo de dicionário não é o único a colocar um marginal na literatura pátria sobre o Natal. Bernardo Ellis também trata daqueles que vêm a festa pelos vidros das janelas e das vitrines, sem fatura ou presentes. Em "Papai Noel Ladrão", um menino pobre coloca o único sapato da mãe, cozinheira, na porta da casa, esperando a chegada de Papai Noel. O bom velhinho não só não vem como é substituído por um cão vadio que leva o valioso calçado. Resultado: uma sova em jejum de uma mãe irada e descalça, bem no dia de Natal.

É fácil verificar, portanto, que não foram poucos os escritores que abordaram as ceias de Natal, o presépio e as relações humanas durante a festa. Há, no mínimo, uma dezena deles, desde o pai da nossa literatura moderna, Machado de Assis, ao irônico João Antônio, na prosa; e ao conciso e denso José Paulo Paes, na poesia.

Machado, o Bruxo de Cosme Velho, tratou do tema, literalmente, em verso e prosa. No poema "Soneto de Natal", encontramos um poeta, em plena Noite Feliz, lutando contra a folha de papel em branco, tentando inutilmente escrever um poema, que morre no primeiro verso ("Mudaria o Natal ou mudei eu?"). E como esquecer do célebre conto "Missa do Galo", em que o narrador, em sua românticos 17 anos, descreve seu diálogo com a tritona D. Conceição, que o hospedava? Surge, após a leitura, uma dúvida: o clima de sedução e de interditos descrito pelo narrador ocorreu de fato ou tudo não passou apenas de fruto da imaginação do rapaz?

A mesma atmosfera dúbia, plena de incerteza e ambigüidades de sentido, é criada por Mário de Andrade. Em "O Peru de Natal", um clássico que as antologias não se cansam de publicar, o modernista estabelece, no cérebro do narrador, a luta entre a ave prestes a ser devorada pela família reunida em volta da mesa, na tradicional ceia, e a imagem que o menino guarda do pai, falecido cinco meses antes da data do nascimento de Jesus. Ler o conto antes da noite de Natal é um convite ao jejum.

Mas Mário não é o único modernista que se debruçou sobre o Natal. Manuel Bandeira, para muitos o maior poeta brasileiro, escreveu versos em que evoca "o menino que todos os anos na véspera de Natal/ Pensa ainda em pôr os seus chinelinhos atrás da porta". Poucas e sábias palavras do mestre do pessimismo irônico. Afinal, quem é que não volta a ser um pouco criança no Natal, com a expectativa de ganhar aquele desejado presente?

Quanto mais se lê sobre o Natal, mais diversificado o tema parece. No extremo sul do País, o gaúcho Simões Lopes Neto enfoca a data, mas a localiza numa estância, com todo o vocabulário e as expres-



sões regionais que o consagraram. E irmãos poéticos por excelência, como Jorge de Lima e Murilo Mendes, trataram o Natal cada um a seu modo. Lima evoca o futuro do Menino ("Ó meu Jesus, quando você ficar assim maiorzinho/ venha para darmos um passeio/ que eu também gosto das crianças"), enquanto Mendes descreve um Natal com tons surrealistas ("Anjos morenos sobrevoam o mar, os morros e arranha-céus").

Carlos Drummond de Andrade opta por outra vertente. Assim como Machado, enfoca o tema em dois gêneros, em seu caso, crônica e poesia. Curiosamente, em ambos trata do presépio. No texto, enquanto observa atentamente a Sagrada Família e os reis magos, a protagonista pensa em seu amor, Abelardo, que se confunde com a figura de Jesus. Paralelamente, o cigarro de seu amado aparece ardo na areia do presépio. Já no poema "Os animais do presépio", os olhos do poeta recaem sobre a vaca, o burro e as ovelhas ("Salve, reino animal:/ todo o peso celeste/ suportas no teu ermo").

Se o presépio do mineiro de Itabira dá destaque à simplicidade dos animais que aparecem na cena sagrada da Natividade, o contista Breno Accioly prefere recordar aquele que arma os presépios. Evoca, para isso, o seu Hermídio, um artesão que construiu, na pequena cidade alagoana de Santana do Ipanema, um presépio com figuras de madeira que se moviam ao serem depositadas moedas, engolidas "sem cerimônia como um insaciável estômago uivante".

O Natal não se resume ao espaço sacro da ceia, do presépio e dos presentes. João Antônio narra como a festa - ou melhor, a ausência dela - se dá quando um

soldado, após bater o caminhão do Exército, além de se ferir, é penalizado a ficar detido no quartel, não podendo visitar a família. Mas o episódio não é melancólico como parece, pois revela a solidariedade de um sargento, imbuído do espírito de que Deus fecha uma porta, mas abre uma janela.

Nem todos os artistas nacionais da palavra, porém, apresentam essa visão pincelada de otimismo. João Cabral de Melo Neto, por exemplo, escreve: "reinaugurando essa criança/ pensam os homens/ reinaugurar a sua vida", numa visão concreta e lúcida da ilusão que cerca o Natal. Visão semelhante tem José Paulo Paes, em "Time is money": "ele não nasceu... não ouvem o galo?/ vamos correndo crucificá-lo!".

Talvez a melhor saída para escapar dos chavões sobre o Natal, no entanto, esteja em repeti-los, como faz Millôr Fernandes, no poema "Saudação natalícia", publicado na revista Senhor, de dezembro de 1963. Em certo momento, diz: "Que seja esse um momento de pura alegria/ de sádia fé/ no largo mundo conflagrado". Mas, após 53 versos, finaliza: "Que tenham todos o mais feliz natal/ cheio de paz e amor". Não será que o poetinha estava certo, afinal?

Oscar D'Ambrosio é repórter do *Jornal da UNESP* e autor de *Os pincéis de Deus* (Editora UNESP).

A ilustração desta página foi feita pelo artista Waldomiro de Deus, um dos principais pintores primitivos do País, especialmente para o *Jornal da UNESP*.

CARTAS

RANKING PLAYBOY

Parabéns pelo jornal! Mas, cá entre nós, por que, ao invés de publicar matérias da revista *Playboy* (as delícias do sexo!) (*Jornal da UNESP* de outubro, nº 151), por que não explorar a contribuição da filosofia e sociologia no âmbito das instituições públicas do ensino superior...?

José Pedro Renzi, sociólogo formado pela Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, e mestre em Sociologia pela Unicamp.

Ao longo dos seus 16 anos de existência, o *Jornal da UNESP* não tem feito outra coisa a não ser "explorar a contribuição", não só da filosofia e da sociologia, mas de todas as áreas do conhecimento, no âmbito das instituições públicas do ensino superior. Fez isso, inclusive, na reportagem a que o senhor se refere, "A UNESP, no topo". Não está publicada, ali, "matéria da revista *Playboy*", nem, muito menos, sobre as "delícias do sexo" - embora, oportunamente, isso possa ocorrer. O texto em questão reproduz, com considerações do então pró-reitor de Graduação interino da UNESP, engenheiro Luiz Roberto Carrocci, o 19º Ranking das melhores faculdades do Brasil, no qual a UNESP aparece como a universidade com o maior número de cursos classificados em primeiro lugar, na graduação e na pós-graduação. Como o ranking da revista é considerado um dos melhores - senão o melhor - do País, o resultado, alvissareiro, nos pareceu digno de menção e comentário.

PARTIDO NAZISTA

Lendo o *Jornal da UNESP* de setembro último, nº 150, deparei-me com a reportagem *Heil Hitler!* (Estamos em Nova Europa, SP), sobre a comunidade alemã reunida naquela cidade, nos anos 30 e 40, que toma por referência a tese de doutorado da socióloga Janaina Florinda Ferri Cintrão, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara. Sou mestranda pela USP e estou em fase de redação final de minha dissertação, que diz respeito, justamente, ao Partido Nazista no Estado de São Paulo. Gostaria, portanto, de entrar em contato com a pesquisadora. Ana Maria Dietrich, Santo André, SP.

Ligue para a seção de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara: (0xx16) 232-0444, ramal 112.

DENGUE

Objetiva e utilíssima a reportagem Não tem mosquito (*Jornal da UNESP*, edição de outubro, nº 151), sobre o *Aedes aegypti*, transmissor da dengue. Como mostra o texto, com procedimentos básicos e educação da população, é possível conter a expansão desse terrível mal que, apenas no ano passado, acometeu mais de 200 mil pessoas no País. Armando Triffoni, Ribeirão Preto, SP.

MEIO AMBIENTE

Quem, como eu, se preocupa com o meio ambiente, com a incessante degradação do planeta - terra, mar e ar -, é frequentemente taxado de "romântico", "alienado" ou "ingênuo" pelas pessoas ditas "sérias". Que estas pessoas leiam, então, a reportagem A vida que passa pelos bosques, publicada por vocês na edição de setembro, nº 150, do *Jornal da UNESP*. Está expressa, ali, toda a delicadeza, todo o frágil equilíbrio que, a despeito de motosserras, vazamentos de petroleiros e matança indiscriminada de animais, ainda se mantém na natureza. Patrícia Saad Junqueira, quartanista do curso de Arquitetura da USP.

CORREÇÃO

Na reportagem "Trindade e Razuk são os novos reitor e vice-reitor", publicada às páginas 8 e 9 da edição de novembro, nº 152, do *Jornal da UNESP*, a relação de votos dos funcionários técnico-administrativos para o professor José Eduardo Junho de Araújo foi trocada com a de discentes. Na verdade, Araújo recebeu 839 votos dos servidores e 1.281 votos dos estudantes.

Correspondência para esta seção: cartasjornal@reitoria.unesp.br

unesp

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA

Reitor: Antonio Manoel dos Santos Silva
Vice-reitor: Luis Roberto de Toledo Ramalho
Pró-reitor de Administração: Ricardo Antonio de Arruda Veiga
Pró-reitora de Graduação: Maria Aparecida Viggiani Bicudo
Pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa: Fernando Mendes Pereira
Pró-reitor de Extensão Universitária: Edmundo José De Lucca
Secretária Geral: Maria de Lourdes Mariotto Haidar

Diretores das Unidades Universitárias: Francisco Antonio Bertoz (FO-Araçatuba), Paulo Eduardo de Toledo Salgado (FCF-Araçatuba), Ricardo Samih Georges Abi Rached (FO-Araçatuba), Cláudio Gomide de Souza (FCL-Araçatuba), Elizabeth Berwerth Stucchi (IQ-Araçatuba), João da Costa Chaves Junior (FCL-Assis), José Carlos Plácido da Silva (FAAC-Bauru), José Misael Ferreira do Vale (FC-Bauru), Edwin Avolio (FET-Bauru), Elias José Simon (FCA-Botucatu), Paulo Eduardo de Abreu Machado (FM-Botucatu), Sheila Zambello de Pinho (IB-Botucatu), Eunice Oba (FMVZ-Botucatu), Luiz Antonio Soares Hentz (FHDSS-Franca), Guilherme Eugênio Filippio Fernandes Filho (FE-Guaratinguetá), Orivaldo Arf (FE-Ilha Solteira), José Antonio Marques (FCAV-Jaboticabal), Kester Carrara (FFC-Marília), Messias Meneguette Junior

(FCT-Presidente Prudente), Massanori Takaki (IB-Rio Claro), Sílvio Carlos Brey (IGCE-Rio Claro), Maria Dalva Silva Pagotto (Ibilce-São José do Rio Preto), Maria Amélia Máximo de Araújo (FO-São José dos Campos) e Marisa Trench de Oliveira Fonterrada (IA-São Paulo).

JORNAL DA UNESP

Editor chefe: José Roberto Ferreira
Editor: Paulo Velloso
Redação: Evarildo da Silveira e Oscar D'Ambrosio
Editor de Arte: Celso Pupo
Edit. Eletrônica: Paulo Nunes Rocha
Fotografia: Hélcio Toth
Colaboraram nesta edição: Renata Franco e Waltair Martão (reportagem); João Moretti Júnior (fotografia); Baptista, Orlando, Osvaldo e

Waldomiro de Deus (ilustração);
Produção: Célia Regina Moreira e Mara R. Marcato
Revisão: Maria Luiza Simões
Tiragem: 18.000 exemplares
Este jornal, órgão da Reitoria da UNESP, é elaborado mensalmente pela Assessoria de Comunicação e Imprensa.
A reprodução de artigos, reportagens ou notícias é permitida, desde que citada a fonte.
Endereço: Alameda Santos, 647, 13º andar, CEP 01419-901, São Paulo, SP. Telefone (0xx11) 252-0323 e 252-0324. Fax (0xx11) 252-0207. e-mail: aci@reitoria.unesp.br. e-mail para solicitação de alteração na mala direta: maramar@reitoria.unesp.br
home-page: <http://www.unesp.br/jornal/>
Fotolit e Impressão: Imprensa Oficial

Reajustes recuperam perdas

Índice foi de 22,45%, mais abono de 28%, para uma inflação de 6%

Para os servidores da UNESP, 2000 foi um ano marcado por um reajuste salarial de 22,45%, sem contar o abono de 28% pago em parcela única, em abril, com base no salário de março/2000. “Não conheço outra categoria que tenha tido um índice semelhante a esse no Brasil, principalmente se levarmos em conta que a inflação oficial do ano será de aproximadamente 6%”, afirma o economista Rogério Luiz Buccelli, responsável pelo Grupo Técnico de Planejamento Estratégico da Assessoria de Planejamento e Orçamento da UNESP, Aplo. (Veja quadro.)

O marco desse reajuste foram as negociações salariais ocorridas durante a greve de quase dois meses nas universidades públicas paulistas – USP, UNESP e Unicamp –, entre abril e junho deste ano. O resultado dos sucessivos encontros entre o Conselho dos Reitores das Universidades Estaduais Paulistas (Cruesp) e o Fórum das Seis, que representa as entidades de classe de docentes e funcionários das três universidades, foi uma fórmula matemática de recomposição salarial vinculada à arrecadação do Imposto sobre Circulação de Mercadorias e Serviços (ICMS). “A fórmula foi boa para as universidades, porque vinculamos os reajustes à arrecadação do ICMS, de onde vêm os nossos fundos, e para o Fórum, que assegura um mecanismo de reposição salarial”, diz Buccelli.

COMISSÃO CONJUNTA

Além da fórmula, foi criada, em junho último, uma Comissão Conjunta de Acompanhamento de Arrecadação do ICMS, composta de 14 membros, sete indicados



pelo Cruesp, dois deles da UNESP, o assessor-chefe da Aplo, José Jorge Gebara, e Buccelli, e sete indicados pelo Fórum das Seis. “A nossa função é analisar o comportamento da arrecadação, avaliar as diferenças em relação ao orçamento inicial e fazer valer a fórmula proposta em junho”, informa Buccelli.

Mês a mês

Evolução do salário de um professor-doutor em Regime de Dedicção Integral à Docência e à Pesquisa (RDIDP)

Mês	Reajuste Salarial	Salário Inicial (R\$)
Janeiro/2000	-	2.927,58
Abril/2000	7%	3.132,42
Mai/2000	4,25% sobre março/2000	3.256,93
Outubro/2000	6,7%	3.475,76
Janeiro/2001	3,75% sobre março/2000	3.584,95

Fonte: Aplo

RECOMPOSIÇÃO Buccelli: índice privilegiado



O índice de reajuste de 6,7%, concedido em outubro, foi definido a partir da utilização dos valores do ICMS e dos salários conforme a fórmula de reajuste salarial. O percentual foi mais alto que o esperado em razão da quitação de dívidas pelas empresas inscritas no Programa de Recuperação Fiscal (Refis). A fórmula permite saber qual o excedente de arrecadação de ICMS em 2000, em relação ao previsto, e a quantia em reais disponível para o reajuste salarial, sendo que 80% desse total foram aplicados no reajuste de outubro e os 20% restantes formam um fundo de reserva, cujo destino será analisado pela Comissão Conjunta de Acompanhamento. “O Cruesp e o Fórum, em reunião marcada para 7 de dezembro, começam a discutir o que será feito com esse fundo. Ele não será utilizado em gastos de custeio ou capital, mas exclusivamente na política salarial”, afirma Buccelli.

HOMENAGEM

Rigor e inspiração

Universidade concede título ao químico Otto Gottlieb

Em sessão solene do Conselho Universitário, realizada no dia 9 de novembro último, na Reitoria, em São Paulo, a UNESP outorgou ao químico industrial Otto Richard Gottlieb o título de *Doutor Honoris Causa*. No breve discurso que proferiu durante a solenidade, o reitor Antonio Manoel dos Santos Silva disse que a UNESP é que se sentia honrada em homenagear um pesquisador da importância de Gottlieb. “A UNESP



PIONEIRO
Gottlieb: indicação ao Nobel

tem muito orgulho em conceder este título ao doutor Otto”, declarou.

Para o químico José Roberto Ernandes, diretor do Instituto de Química (IQ) da UNESP, câmpus de Araraquara, de onde partiu a homenagem, o título concedido a Gottlieb se justifica por ele ser um dos maiores químicos vivos do Brasil e reconhecido internacionalmente, tendo sido inclusive indicado para o Prêmio Nobel de Química, no ano passado. “Seu trabalho, na área de química orgânica, é muito importante”, disse Ernandes. “Foi ele que criou toda a sistemática de classificação de plantas, tendo como base a estrutura química dos seus componentes.”

A farmacêutica Vanderlan da Silva Bolzani, do Departamento de Química Orgânica do IQ, revelou que Gottlieb, nascido na ex-Tchecoslováquia, em 31 de agosto de 1920, for-

mou-se em Química Industrial pela Universidade do Brasil, no Rio de Janeiro, em 1945. “Desde logo, deixou-se fascinar pela diversidade da composição química da flora brasileira”, disse Vanderlan. “Gottlieb foi pioneiro na introdução da fitoquímica e, concomitantemente, da química orgânica moderna.”

Em seu discurso de agradecimento, Gottlieb declarou sentir-se muito honrado em receber o título. “Julgo a busca pela compreensão do funcionamento da natureza uma inspiração sagrada e, portanto, esse título honorífico que me é outorgado hoje é a coroação máxima de minha missão como professor e pesquisador”, afirmou. “Afinal, como disse o conservacionista senegalês Baba Dioum, ‘conservaremos somente o que amamos, amaremos somente o que compreendemos e compreenderemos o que nos for ensinado’.”

POSSE

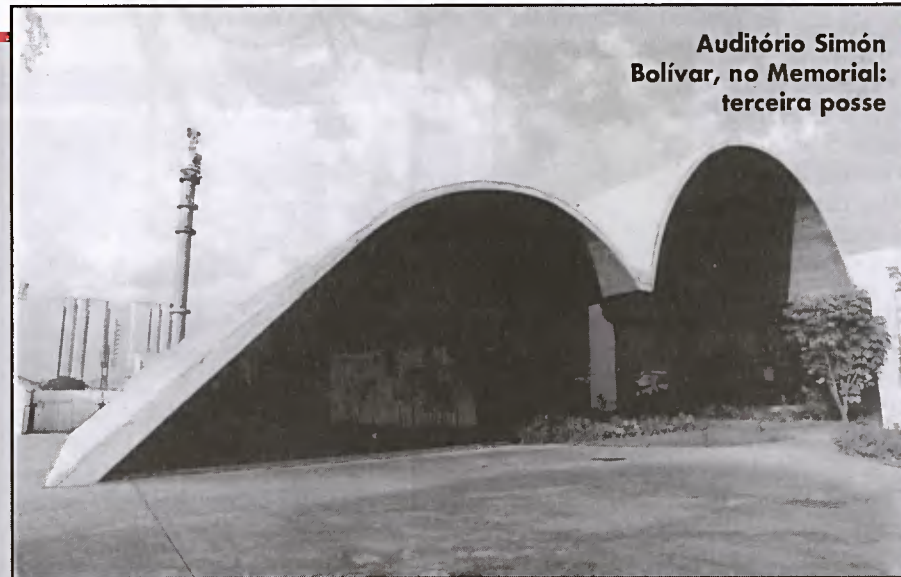
Cerimônia será no Memorial

Reitor eleito da UNESP, José Carlos Souza Trindade assume em janeiro, para um mandato de quatro anos

Apartir de 12 de janeiro próximo, a UNESP passa a ter um novo comando. O médico urologista José Carlos Souza Trindade e o engenheiro Paulo Cesar Razuk tomarão posse, respectivamente, como reitor e vice-reitor da UNESP, em sessão solene do Conselho Universitário (CO), a ser realizada, às 15h, no Auditório Simón Bolívar do Memorial da América Latina, no bairro da Barra Funda, em São Paulo. Foi nesse mesmo local, aliás, que tomaram posse seus antecesso-

res Antonio Manoel dos Santos Silva e Arthur Roquete de Macedo.

Embora Trindade seja empossado no dia 12, seu exercício, de fato, no cargo de reitor começa apenas no dia 15, já que o mandato de Antonio Manoel se encerra à meia-noite do dia 14. Autoridades políticas, como o governador do Estado, Mário Covas, e educacionais, como o Ministro da Educação, Paulo Renato de Souza, além de secretários e deputados estaduais, prefeitos e vice-prefeitos e dirigentes de universidades públicas e particulares es-



Auditório Simón Bolívar, no Memorial: terceira posse

tão entre os convidados.

Para chegar ao cargo, Trindade venceu as eleições, ocorridas entre 2 e 4 de outubro último, sendo o mais votado nos três segmentos – docentes, alunos e funcionários –

da comunidade. Encabeçou, assim, a lista triplíce enviada ao governador Mário Covas, que aprovou o seu nome como reitor. Seu mandato, de quatro anos, se estende até janeiro de 2005.

Exemplo de cidadania

Exposição itinerante conta a história do programa Universidade Solidária

Com o objetivo de mobilizar universitários e universidades de todo o País para trabalhar em comunidades carentes, o Universidade Solidária (UniSol), criado em 1995 como um braço do programa Comunidade Solidária, presidido pela primeira-dama Ruth Cardoso, constitui um exemplo de cidadania. Para contar essa história, a exposição "UniSol - O Brasil que se Encontra", exibida no piso térreo da Estação Sé do Metrô paulistano, mostrou, de 23 de outubro a 16 de novembro últimos, 30 fotografias que retratam a participação de estudantes e professores universitários de todo o Brasil em ações para melhorar a qualidade de vida em regiões pobres do País. Entre os participantes, estiveram 60 estudantes da UNESP, entre 1997 e 2000. "Mais dez alunos participarão no próximo ano. Trata-se de uma experiência muito positiva, que permite que eles integrem atividades multidisciplinares, conhecendo um pouco melhor a realidade do Nordeste brasileiro", diz Edmundo José De Lucca, pró-reitor da Pró-reitoria de Extensão Universitária (Proex). (Veja quadro.)

Um banner colorido com imagens de crianças brincando ocupou o vão central da estação, chamando a atenção para as fotos expostas num espaço circular, acompanhadas de textos com informações sobre as ações desenvolvidas pela UniSol. Um terminal de computador também integrou a exposição, que seguiu viagem para o Rio de Janeiro, Brasília e Recife, informando os locais em que o programa atua e como os estudantes podem participar. "O programa é uma experiência muito enriquecedora, porque permite conhecer outra realidade e exige a dura aprendizagem de trabalhar em gru-



MOSTRA
Participação de 60 alunos da UNESP

po", afirma De Lucca.

O UniSol funciona nos moldes do extinto Projeto Rondon. Docentes e estudantes levam informações sobre saúde, educação, organização comunitária, meio ambiente e cidadania a locais inóspitos, formando agentes de saúde, professores e lideranças comunitárias que dão continui-

dade ao trabalho, após a partida dos universitários, numa lição de cidadania e solidariedade. "Os alunos inicialmente acham que vão lá só ensinar, mas logo percebem que têm muito a aprender ao entrar em contato com os valores locais das comunidades que visitam", conclui De Lucca.

A UNESP na UniSol

Ano	Período	Município	Alunos
1997	3/01 a 10/02	Ribeira do Amparo/BA	20
1998	10/01 a 11/02	Panelas/PE	10
1998	18/01 a 11/02	Santa Maria do Cambucá/PE	10
1999	8/1 a 31/01	Brejão/PE	10
2000	10/01 a 1º/02	Campo Redondo/RN	10
2001	15/01 a 5/02	Wenceslau Guimarães/BA	10

Fonte: Proex

VESTIBULAR

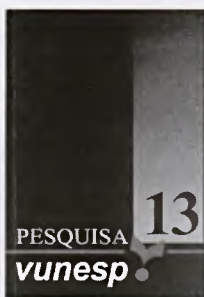
Pessoa e colegas vão às provas

Estudo avalia as ocorrências da Literatura Portuguesa nos Vestibulares da UNESP, entre 1994 e 1998

A importância da literatura na formação intelectual dos adolescentes e a forma como o ensino médio enfoca a literatura portuguesa são os principais temas abordados por Cila Maria Jardim, aluna do curso de Pós-Graduação em Literatura da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, em *A Literatura Portuguesa no vestibular da UNESP (1994-1998): um diagnóstico e uma reflexão* (R\$ 8,00; 168 páginas; volume 13 da Série Pesquisa Vunesp). "Também verifico como a Literatura Portuguesa é estudada em 16 escolas de ensino médio das cidades de Araraquara, Marília, São Carlos e São Paulo", diz a autora.

A pós-graduada estuda as ocorrências da Literatura Portuguesa nos Vestibulares da UNESP de 1994 a 1998, verificando como os candidatos classificaram as perguntas em termos de dificuldade das questões das provas de Conhecimentos Específicos e Língua Portuguesa. "Avaliar a presença da Literatura Portuguesa no vestibular nos leva a pensar sobre a relação da literatura com o aluno no período escolar", acredita Cila.

A obra contém ainda uma avaliação de livros didáticos que enfocam os poetas, romancistas e contistas lusos. "O estudo realiza-



Reprodução

do é geralmente linear, em ordem cronológica, seguindo os estilos de época", constata Cila. "Outro fato notório é o abandono que se faz da Literatura Portuguesa após o movimento simbolista. O Modernismo só é lembrado por Fernando Pessoa e, muitas vezes, estudado aquém da sua representatividade para a Literatura Portuguesa como um todo", completa a orientadora da pesquisa e coordenadora do livro, Márcia Valéria Zamboni Gobbi, do Centro de Estudos Portugueses "Jorge de Sena", também da FCL de Araraquara.

EDITORAS UNIVERSITÁRIAS

Filósofo assume presidência

Diretor da Editora UNESP é empossado em entidade latino-americana

Criada com o objetivo de promover a integração acadêmica e científica do continente americano, a Associação de Editoras Universitárias da América Latina e do Caribe (Eulac), fundada em 1987, com sede em San José, Costa Rica, reúne hoje mais de 120 editoras. Nos próximos dois anos, a partir de outubro passado, pela primeira vez em sua história, o presidente da instituição será brasileiro. A honra coube ao filósofo José Castilho Marques Neto, diretor-presidente da Fundação Editora da UNESP e presidente da Associação Brasileira de Editoras Universitárias (Abeu). Castilho tomou posse em Santiago, Chile, onde foi realizada a feira internacional do livro local. "Uma das prioridades é promover o programa Livro Universitário Regional, cuja missão é a edição e a difusão dos textos universitários produzidos por professores das mais destacadas universidades do continente", afirma o novo presidente.

Castilho acredita que é necessário reafirmar a profissionalização e a atualização téc-

CONCURSO

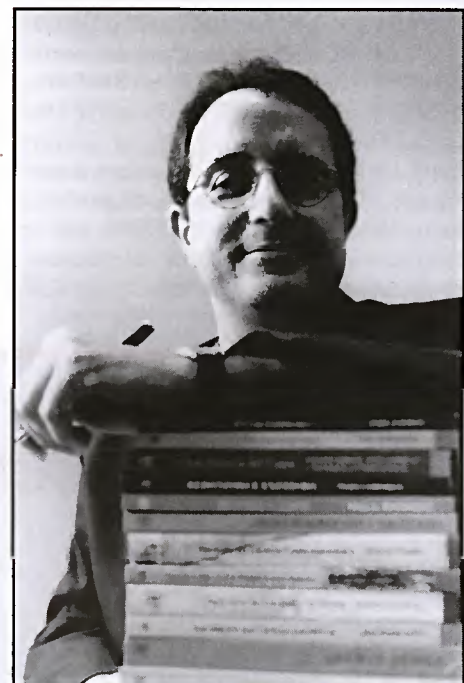
Formas de educar

Em sua 17ª versão, Prêmio Jovem Cientista contempla "As Novas Metodologias para a Educação"

Para promover o desenvolvimento científico e tecnológico e estimular a realização de pesquisas necessárias ao progresso social, econômico e cultural do País, o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq), a Gerdau e a Fundação Roberto Marinho criaram, em 1981, o Prêmio Jovem Cientista. Em sua edição de número 17, o tema escolhido foi "As Novas Metodologias para a Educação", que permite cruzar temas como ética, pluralidade cultural, meio ambiente, saúde, orientação sexual, trabalho e consumo.

O prêmio tem quatro categorias: *Graduados*, para pesquisadores com menos de 40 anos até 31 de dezembro de 2000; *Estudantes*, para alunos de escolas técnicas ou de cursos superiores que tenham menos de 30 anos na mesma data; *Mérito Institucional*, para a instituição que tiver o maior número de inscrições aceitas; e *Orientador*, que contemplará os seis responsáveis pela orientação dos trabalhos vencedores.

Serão premiados os três primeiros colocados da categoria *Graduados* (R\$ 15 mil; R\$ 10 mil e R\$ 5 mil, respectivamente) e *Estudantes* (R\$ 5 mil; R\$ 3,5 mil; e R\$ 2 mil). A instituição vencedora será contemplada com R\$ 30 mil, valor que deverá ser repassado aos departamentos responsáveis pelas pesquisas que concorrem à premiação. Cada orientador dos seis trabalhos vencedores receberá um Microcomputador Intel Pentium III 667. As inscrições são individuais e podem ser feitas até o dia 31 de maio de 2001. Devem ser encaminhadas ao CNPq (XVII Prêmio Jovem Cientista - SEPN 506 - Bloco B - 2º andar - CEP 70740-901 - Brasília - DF) ou pelo endereço eletrônico <http://www.cnpq.br/jovencientista>. Informações: (061) 348-9410.



DIFUSÃO
Castilho: à frente da Eulac

nica permanente do editor universitário latino-americano, promovendo mecanismos para atender a essa necessidade. "A Eulac também desenvolve trabalhos editoriais para enfrentar os desafios científicos e culturais, além de apoiar e incentivar todo tipo de ação dos países integrantes da associação, no sentido da formação e ampliação do público leitor", finaliza.

Barrados no paraíso

Ao contrário do que se esperava, a globalização não tornou os movimentos migratórios menos dramáticos. Para os deserdados, as fronteiras do planeta continuam inexpugnáveis



Vida de imigrante não é fácil. As dificuldades já começam no seu país de origem. Quem decide deixar sua pátria natal, para tentar a vida num país distante e desconhecido, provavelmente não tem boas condições de vida e trabalho. Na maioria dos casos, está com problemas econômicos ou sofre algum tipo de perseguição – política, religiosa, étnica. Na chegada, as coisas não costumam ser melhores. Ao desembarcar, ele se vê numa terra estranha, em meio a pessoas que falam outro idioma, têm outros costumes, outra cultura, outra cor. Apesar disso, desde que nossos antepassados deixaram a África, há milhões de anos, as migrações fazem parte da história do homem.

Nos tempos modernos, elas continuaram a ocorrer, principalmente a partir do século XIX. “Foi a época das migrações para o Norte-Sul e Leste-Oeste”, explica o historiador e professor de Língua Italiana Antonio Folquito Verona, do Departamento de Letras Modernas da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Assis. “Foi quando vimos os grandes fluxos migratórios de europeus proletários e, em menor escala, também de asiáticos, dirigirem-se para os continentes meridionais, ainda inexplorados.”

Segundo Verona, que é autor da tese *O mundo é nossa pátria (a trajetória dos operários têxteis de Schio que fizeram de São Paulo e do Bairro do Brás sua temporária morada, de 1891 a 1895)*, defendida no ano passado, a partir daí esse fluxo se inverteu — fenômeno que também se registrou com o Brasil. “Houve, de um século para cá, uma mudança substancial de rota das migrações em massa”, explica o pesquisador. “Principalmente nestas últimas décadas, vemos os fluxos dirigirem-se dos chamados ‘países do Terceiro Mundo’ para as áreas industriais do Norte, ou seja, União Européia, EUA, Canadá e Japão.” Exemplo de imigração em massa, em nossos dias, ainda segundo Verona, é a de mexicanos e centro-americanos – calcula-se 500 por dia – para os Estados Unidos, ou dos africanos magrebins (Tunísia, Marrocos e Argélia) para os países da Europa mediterrânea.

INFERNO DA ILEGALIDADE

No Brasil, essa inversão começou nos anos 80, quando o País viveu a chamada década perdida, causada pela crise econômica, que o transformou de importador em exportador de mão-de-obra. “Desencantados com o País, os brasileiros foram procurar oportunidades no Japão, Estados Unidos e Europa”, explica a socióloga Maria do Rosário Rolfsen Salles, orientadora do Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara. Ao longo da História, os países europeus concentraram a maior parte da riqueza do planeta. Hoje, com sua opulência, tornaram-se atrativos para os pobres do mundo inteiro. Resultado: eles acorrem aos magotes para esses paí-



IDAS E VINDAS
Vigevani e Maria do Rosário: benefícios apenas aos fortes

ses, em busca de melhores condições de vida. Uma parte, no entanto, é barrada na porta de entrada do paraíso. Outra, consegue ultrapassá-la, mas apenas para viver no inferno da ilegalidade, escondendo-se das autoridades da imigração. Quando pegos, são deportados para seu país de origem.

Em teoria, em tempos de globalização, isso não deveria ocorrer. As fronteiras nacionais deveriam estar, se não abolidas, pelos menos mais permeáveis. Mas não é o que acontece. “Os países mais fortes querem a abertura comercial, a proteção dos direitos autorais e de valores considerados universais, como direitos humanos e meio ambiente, mas se recusam a liberar as imigrações”, explica o cientista político Tullo Vigevani, do Departamento de Ciências Políticas e Econômicas da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília. “Isso seria considerado prejudicial, pois teria como consequência a diminuição de seu nível de vida.”

A socióloga Ethel Volfzon Kosminsky, do Departamento de Sociologia e Antropologia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, lembra que há, de certa forma, uma contradição nessa situação, principalmente no que diz respeito aos trabalhadores imigrantes não qualificados. “Os países desenvolvidos controlam a entrada da mão-de-obra não qualificada, mas ao mesmo tempo precisam dela para realizar os trabalhos menos valorizados, como as funções de babá, garçom ou jardineiro”, explica Ethel. “É por isso que há tantos trabalhadores ilegais nos países ricos. São mexicanos nos EUA, brasileiros no Japão e, veja só, bolivianos no Brasil.”

CORRENTE LATINA

Isso revela que, apesar de o Brasil ser hoje um País com mais gente emigrando do que imigrando – mais gente indo do que vindo –, ainda continua atraindo estrangeiros. “Hoje,

Estimativa do número de imigrantes de algumas nacionalidades presentes no Brasil

Nacionalidade	Número estimado
Chineses	190.000
Chilenos	150.000
Espanhóis	119.000
Bolivianos	100.000
Judeus	86.146
Coreanos	80.000
Japoneses	60.000
Paraguaios	60.000
Angolanos	40.000
Italianos	40.000

Fonte: Consulados dos países

os imigrantes, em sua maioria, não vêm mais da Europa e da Ásia”, explica Maria do Rosário, que também é pesquisadora de movimentos migratórios do Instituto de Estudos Econômicos, Sociais e Políticos de São Paulo (Idesp). “Há correntes importantes de latino-americanos vindo para cá.” Nesta corrente, estão, principalmente, peruanos, bolivianos, paraguaios e colombianos.

A Europa, outro pólo de atração, recebe imigrantes de todo o mundo. Na Alemanha, por exemplo, vivem 7,5 milhões de estrangeiros legalizados, o que representa 9% da população do país, mas existem ainda cerca de um milhão de ilegais. Na França, há três milhões de imigrantes legalizados e 300 mil clandestinos. “O governo regularizou 83 mil dos 140 mil clandestinos identificados, e deportou o resto.” Na Itália, onde a legislação permite a entrada de um número fixo de trabalhadores por ano, foram regularizados, em 1995, 200 mil imigrantes por meio de uma anistia, mas estima-se que ainda vivam lá 230 mil ilegais.

Apesar de ainda imporem muitas restrições, os países europeus terão de rever, em breve, sua atitude em relação aos imigrantes, pelo simples motivo de que vão precisar deles. A taxa de natalidade da União Européia vem caindo ano a ano. De 1998 para 1999, por exemplo, houve uma queda de 0,5% no número de nascimentos. Esse dado, somado ao envelhecimento da população, deixará a Europa com um contingente bastante reduzido de mão-de-obra. Um estudo da Organização das Nações Unidas (ONU), publicado em março passado, mostra, por exemplo, que a Itália precisará receber, até 2025, 300 mil estrangeiros por ano para que possa manter o mesmo número de pessoas em idade ativa que tinha em 1995. Caso contrário, a população da Itália cairá dos atuais 57 milhões para 41 milhões em 2050. Já a Alemanha perderá 9 milhões de pessoas até essa data, caso não venha a receber 500 mil imigrantes por ano. Por aí se vê que, mesmo contra a vontade, os países terão que dar uma chance aos deserdados do mundo.

Evanildo da Silveira



ROTA MIGRATÓRIA
Família italiana, no Brasil, no início do século: pólo de atração

Um vitoriano nos trópicos

Evento reúne, em Marília, 30 palestrantes de 17 universidades, brasileiras e estrangeiras, para celebrar o centenário de nascimento de Gilberto Freyre e repensar a vasta obra do sociólogo pernambucano

OSCAR D'AMBROSIO

Complexo e contraditório. Esse é o perfil do escritor e sociólogo pernambucano Gilberto Freyre que emergiu depois de quatro dias de intensos debates entre mais de 30 pesquisadores de 17 universidades brasileiras e estrangeiras. Os pesquisadores reuniram-se a propósito do centenário de nascimento de Freyre, que está sendo celebrado este ano, durante a VII Jornada de Ciências Sociais “Jornada de Estudos Gilberto Freyre”, promovida pela Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC) da UNESP, câmpus de Marília, realizada naquela cidade, entre 6 e 9 de novembro passado. “O evento repensou a vasta e diversificada obra de Gilberto Freyre, uma fonte de referência fundamental para que se saiba quem é o povo brasileiro”, diz a socióloga Ethel Volfzon Kosminsky, coordenadora do encontro e docente da FFC.

Os palestrantes e os cerca de 200 participantes do evento foram unânimes em apontar o pioneirismo de Freyre (1900-1987) em se opor ao determinismo vigente em sua época, que atribuía os problemas nacionais ao clima (calor) e à imigração negra. “Ele considerava que a riqueza e a força cultural dos brasileiros estava justamente na mistura de raças. Valoriza o mestiço e é pioneiro em escrever, de maneira agradável, sobre moda, costumes, sexo, alimentação e morte na história do Brasil”, diz o biblioteconomista Edson Nery da Fonseca, da Universidade de Brasília, especialista no autor pernambucano.

O historiador norte-americano Thomas Skidmore, da Universidade de Brown, é mais crítico em relação ao estilo de Gilberto Freyre. Acredita que o livro *Casa Grande e Senzala*, publicado em 1933, não tem argumentos sólidos que provem por que a colonização portuguesa teria sido menos violenta que a de espanhóis, holandeses, franceses ou ingleses. “Não há uma história bem contada, mas detalhes pitorescos sobre plantas nativas, frutas e práticas religiosas africanas. Dois temas garantiram o sucesso com os leitores: sexo entre raças e comida típica. O livro projetava, acima de tudo, otimismo no País e foi produzido e recebido mais como um manifesto e menos como um trabalho universitário de pesquisa. E era isso que Freyre queria, pois se via como ensaísta

e escritor, não como acadêmico”, disse. (Veja entrevista com Skidmore.)

Para Fonseca, a repercussão internacional da obra de Freyre se deve, em grande parte, justamente ao caráter literário que seus textos assumiram. “Ele se contrapôs abertamente ao modelo acadêmico de exposição científica, seguindo a tradição ensaísta erudita inglesa, que admirava”, argumenta.

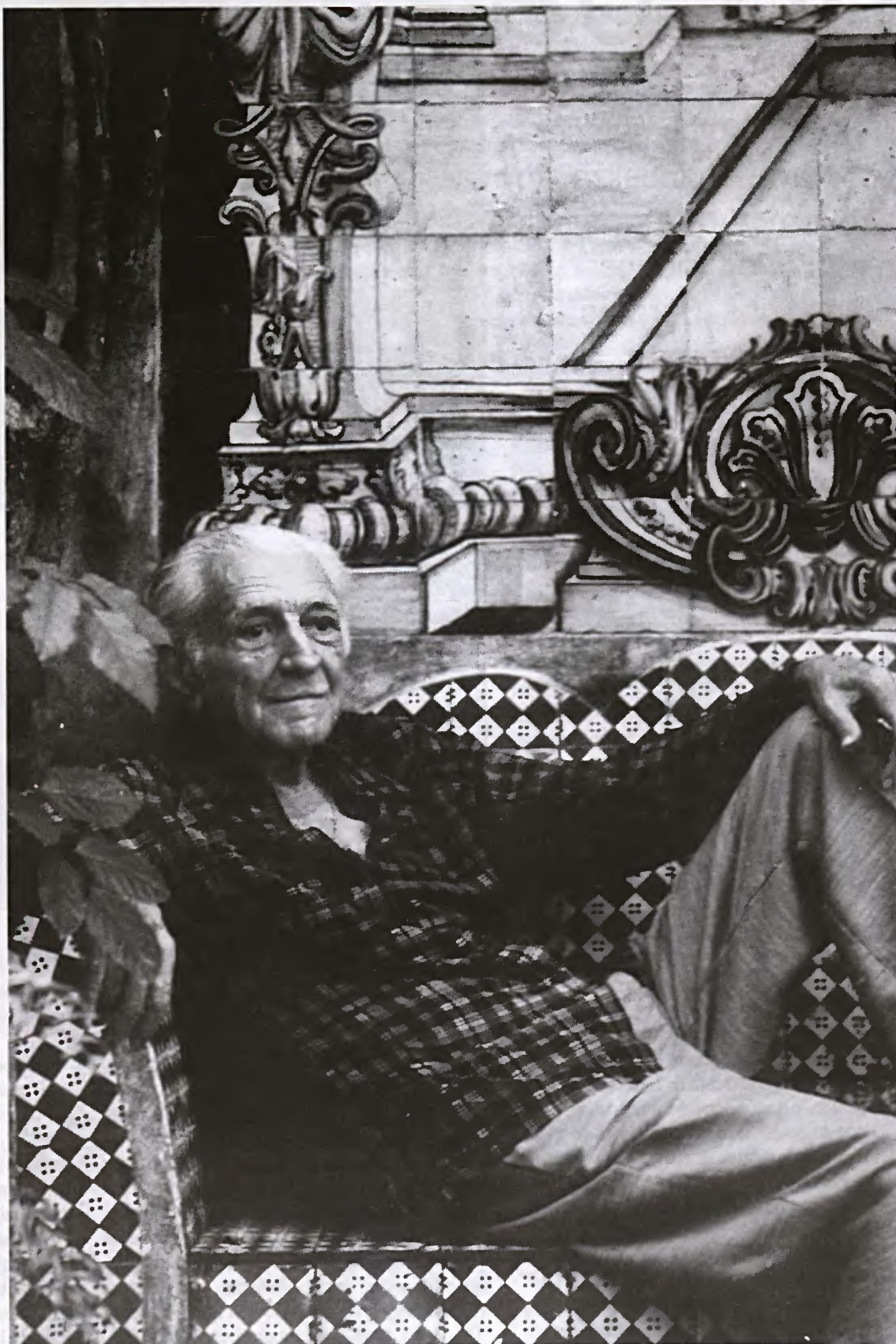
Ao discorrer sobre as “Matrizes do pensamento de Gilberto Freyre”, a cientista social Maria Lúcia Palhares-

Burke, da USP, apontou as afinidades inglesas do autor de *Casa Grande e Senzala*. “Ele era um nordestino vitoriano, um recifense inglês, que andava de paletó de *tweed* em pleno Brasil tropical. No campo das idéias, isso se repetia, pois abordava o Brasil com um olhar inglês, baseado, em boa parte, na filosofia de Herbert Spencer, de quem Freyre retirou a idéia da busca constante de um equilíbrio entre os contrários, por mais diferentes que parecessem”, explicou. “Admirador da cultura inglesa, que via como conciliadora, analisou o Brasil por um olhar igualmente conciliador.”

POLEMISTA NATO

Para Fonseca, Freyre soube utilizar seu talento de escritor sem abrir mão da pesquisa e do rigor sociológico. “Compôs assim um retrato rigoroso, mas otimista, do processo de formação social brasileiro, para ele demarcado por características democráticas e anti-racistas”, afirmou.

Para o advogado e administrador de empresas Fernando Freyre, presidente da Fundação Joaquim Nabuco e filho



Arquivo/Jornal do Commercio



Fotos Hélio Toth

REFERÊNCIA
Ethel: retrato do povo brasileiro

de Gilberto, o pai foi um polemista nato, crítico profundo e intérprete original do fenômeno social brasileiro. "Ele tem sido celebrado como um dos principais intelectuais brasileiros de todos os tempos, e os numerosos eventos no Brasil, Argentina e França, neste centenário, me surpreenderam, principalmente por se tratar da celebração dos 500 anos do Descobrimento e dos centenários de outras figuras ilustres, como Anísio Teixeira e Gustavo Capanema", afirmou.

Em sua palestra, Freyre apresentou um resumo da vida do pai, que completaria cem anos em 15 de março último. "Ele foi alfabetizado em inglês. Por isso, teve facilidade em estudar na Universidade de Bayle, em Waco, Texas, indo depois para a Universidade Colúmbia, em Nova York, onde defendeu a tese *Vida social no Brasil em meados do século XIX*, a matriz de *Casa Grande e Senzala*", contou. "Como filho dele, aprendi a admirar a natureza e os livros." (Veja quadro.)

FORA DE SEU TEMPO

Publicado em 1933, *Casa Grande e Senzala*, ao lado de *Sobrados e mucambos* (1936) e *Ordem e progresso* (1959), forma a trilogia *Introdução à história da sociedade patriarcal no Brasil*. O terceiro volume é, para a pesquisadora do Centro de Pesquisa e Documentação da Fundação Getúlio Vargas, Lucia Lippi, o mais atual e desafiador. "É um livro fora de seu tempo. Só começou a ser recuperado nos anos 1980/90, porque deixa de lado a questão econômica, em voga na época, e se debruça sobre a cultura brasileira, defendendo até o folclore", declarou.

A intertextualidade marcou diversas falas do evento. Integrante da comissão organizadora, a cientista social Fernanda Arêas Peixoto, da Faculdade de Ciências e Letras da UNESP, câmpus de Araraquara, destacou, em sua palestra, os elos entre Freyre e o sociólogo francês Roger Bastide. "Ambos, por exemplo, tiveram formação protestante e admiravam Marcel Proust", disse.

Mais pesquisadores se voltaram para paralelos entre Freyre e outros intelectuais brasileiros e do Exterior. A cientista social Regina Crespo, da FFC de Marília, que trabalha há seis anos na Universidade Nacional Autónoma do México, mostrou o diálogo entre o pensador brasileiro e dois intelectuais mexicanos, Alfonso Reyes, embaixador daquele país no Brasil, e José Vasconcelos, Ministro local da Educação. "Freyre narra como sociólogo, descreve como antropólogo e escreve como escritor", afirmou. "Considero que Freyre e Euclides da Cunha viam a nacionalidade brasileira. Ambos são fundamentais para a construção da idéia de cultura que nós temos hoje", afirmou a cientista social Glauca Villas Boas, da Universidade Federal do Rio de Janeiro

Para Fernanda Peixoto, da FCL de Araraquara, o melhor desta jornada foi justamente a possibilidade de diálogo entre os participantes. "Especialistas de Freyre trocaram idéias com leitores atentos e pesquisadores de gerações diferentes", afirmou. "Todos saíram muito satisfeitos e enriquecidos com o resultado", conclui Ethel Kosminsky.

ENTREVISTA

A revisão, depois da canonização

Para Thomas Skidmore, Gilberto Freyre ainda pode ser lido, mas sem paixão

Considerado o maior brasilianista da atualidade, o historiador norte-americano Thomas Skidmore, 69 anos, autor de obras já clássicas, como *Brasil de Getúlio a Castelo* e *Uma História do Brasil*, participou, dia 7 de novembro último, da VII Jornada de Ciências Sociais "Jornada de Estudos Gilberto Freyre", organizada pela Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília. Diretor do Centro para Estudos Latino-Americanos e professor de História Moderna Latino-Americana e Estudos Brasileiros e Portugueses da Universidade de Brown, EUA, ele proferiu a conferência *Raízes de Gilberto Freyre* e concedeu esta entrevista, em que conta, com bom humor, como começou a estudar o Brasil, a sua visão do Golpe de 1964, a permanência do autor de *Casa Grande e Senzala*, o momento atual da política brasileira e a eleição norte-americana para a presidência.

Jornal da UNESP – Como começou seu interesse pela política brasileira?

Thomas Skidmore – Foi por acaso. Até 1960, toda minha carreira de historiador era voltada para a Europa. Passei dois anos na Inglaterra, em Oxford, e fiz meu doutorado em Harvard, após um ano trabalhando com arquivos históricos sobre a Alemanha. Harvard não tinha, porém, professores especializados em estudos latino-americanos e achou que seria mais fácil investir nos que já estavam lá do que contratar novos. Me foi então oferecida uma bolsa de três anos, para que eu mudasse de especialidade. Aceitei, sabendo que ficaria no Brasil de 1961 a 1964. Eu já falava, além do inglês, francês e alemão, mas tinha que começar a aprender espanhol ou português. A aula de espanhol era às 8h da manhã e a de português, às 11h. Adivinhe qual escolhi... Foi isso que determinou minha carreira. (risos)

JU – Como foram suas relações com Gilberto Freyre? O senhor chegou a conhecê-lo pessoalmente?

Skidmore – Nos encontramos diversas vezes, nos anos 60 e 70, em Cambridge, Massachusetts e no Recife. Escrevi uma resenha sobre *Ordem e progresso*, em 1963, na qual apontei a ausência de uma história bem desenvolvida. Gilberto não gostou e me chamou de "sociólogo medíocre". Tudo bem, eu sou historiador.

JU – E a recepção à obra dele, no Exterior? Como o senhor a viu?

Skidmore – Os primeiros críticos tentaram canonizar o Gilberto, mas, a partir de 1950, começaram a surgir problemas. Quando não foi mais possível ocultar as profundas evidências de discriminação racial no Brasil, sua obra sofreu severas críticas, foi banida pela esquerda e encontrou em Florestan Fernandes o principal revisionista. Acho que, hoje, podemos lê-la, mas sem excessos apaixonados.



JU – O senhor estava no Brasil, no dia do golpe?

Skidmore – Estava no Rio de Janeiro e ouvi a notícia pelo rádio. Logo se percebeu que o João Goulart era muito fraco para resistir. Não havia ninguém nas ruas. Todo mundo estava em casa. Carlos Lacerda era a exceção. Fortificou o Palácio do Governo da Guanabara com sacos de areia e duas metralhadoras. Ele aguardava o ataque dos marinheiros fiéis a Jango, mas nada aconteceu. E sabe por quê? A rua era contra-mão (risos). Após o golpe, comecei a pesquisar para ver o que tinha acontecido e retornei até a Revolução de 1930. Assim surgiram livros como *Brasil de Getúlio a Castelo*, que se tornou uma de minhas obras mais lidas.

JU – Como o senhor vê o quadro para a corrida presidencial no Brasil?

Skidmore – Eu vejo um vácuo, um vazio de liderança. O PT está crescendo, assumindo prefeituras importantes, o que é muito bom, mas dizem que Lula vai concorrer de novo à presidência. Não quer deixar que novas lideranças, como José Genoino e Olívio Dutra, assumam maiores responsabilidades. Marta Suplicy, se fizer uma boa administração, pode ter chance. Como mulher, bonita e com um discurso menos radical, afasta a imagem de que os petistas comem criancinhas. (risos) As outras opções não me animam. Ciro Gomes, por exemplo, foi um desastre no breve período em que foi ministro, e o PSDB vive um desmantelamento devido às alianças do atual presidente para ganhar votos e emendar a Constituição. José Serra é inteligente, mas tem um temperamento muito difícil. Pedro Malan, por sua vez, é um homem fino, um aristocrata de grande capacidade, impressionante poder de decisão e muita coragem para expressar opiniões, algo pouco comum na política brasileira, mas não é uma personalidade política. Para piorar a situação do partido, a opinião pública reprova a política econômica do governo. Quanto ao PFL, tem a habilidade de realizar as mais estranhas coalizões para manter-se no poder. Há ainda o Paulo Maluf, que se assemelha aos políticos mais conservadores e direitistas do Texas, que ainda vivem no período da Guerra Fria e realizam campanhas anti-comunistas.

JU – E a disputada eleição nos EUA? Qual é o perfil dos candidatos?

Skidmore – Al Gore tem uma fraqueza: é o vice de Clinton, o homem que dormiu com Monica Lewinsky. Na sua campanha, mudou muitas vezes a plataforma e criou uma certa insegurança. Bush é um caso incrível, porque tem dislexia e dificuldade de concentração. São problemas do sistema nervoso, que não indicam falta de inteligência, mas são uma desvantagem. Ele não consegue ler mais de meia página e precisa que outros lhe expliquem tudo. Bush, o novo, por sua vez, não tem interesse nem experiência para ser presidente. O que houve foi uma forte união da direita, que, após não conseguir o impeachment ou a renúncia de Clinton, decidiu sepultar as diferenças dentro do Partido Republicano e se unir em torno de um novo rosto. Investiu-se muito para vender a imagem de Bush – e deu certo.

Pai com açúcar

Freyre, pai, segundo Freyre, filho



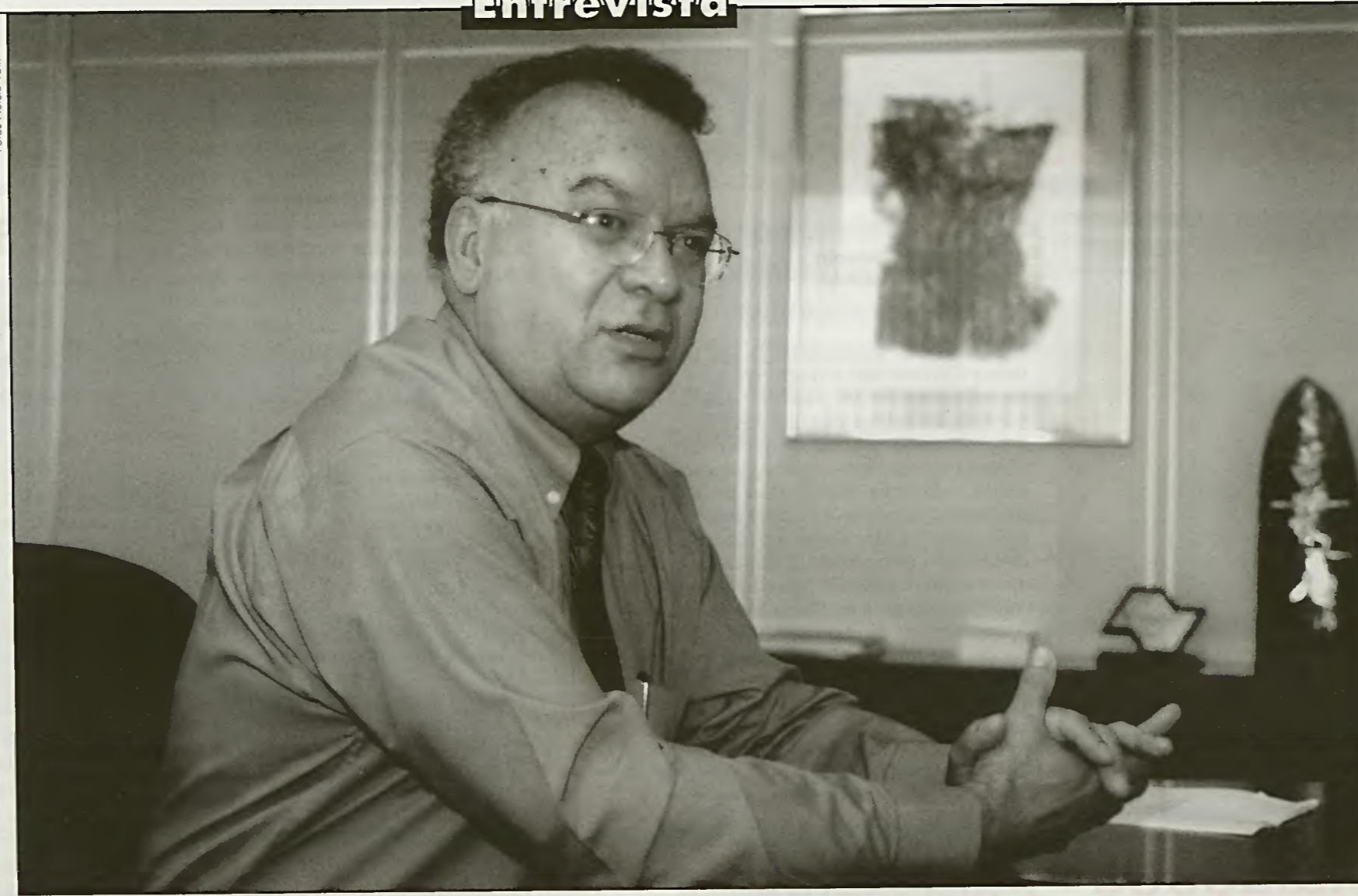
Fernando: "ele foi um avô"

"Inquieto, arrojado, instigante, sedutor, vaidoso, pioneiro e incentivador dos mais jovens." Com esses adjetivos, o advogado e administrador de empresas Fernando Freyre definiu seu pai, o sociólogo e escritor Gilberto Freyre, durante a VII Jornada de Ciências Sociais, que homenageou o autor de *Casa Grande e Senzala*. "Quando nasci, meu pai tinha 41 anos. Por isso, ele foi um pai com açúcar, um verdadeiro avô", disse. "Como ele viajava muito, minha irmã e eu ficávamos com os tios. Mas ele nunca foi um pai ausente. Fomos criados na célebre casa de Apicucos, cheia de árvores, galinhas e muitos livros."

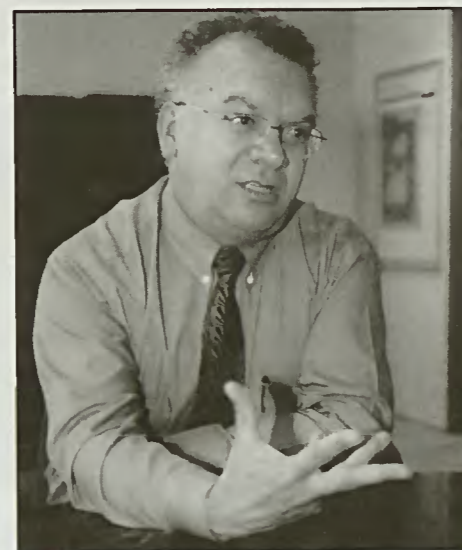
Fernando conta que o pai obrigava os filhos a escrever constantemente. "Por isso, digo que cursei a Universidade Gilberto Freyre", afirma, acentuando o empenho do pai na criação da Fundação Joaquim Nabuco, que hoje preside. "Atuamos com projetos de ordem social no Norte e Nordeste, realizando pesquisas na área canavieira, na região semi-árida e mantendo, desde 1992, um Núcleo de Debates sobre a obra de Gilberto Freyre", explica.

ANTONIO MANOEL DOS SANTOS SILVA

Pronta para o século XXI



Às vésperas do final de seu mandato, de quatro anos, que se encerra no dia 14 de janeiro próximo, o reitor da UNESP, Antonio Manoel dos Santos Silva, faz um balanço crítico de sua gestão. Entre outros aspectos, destaca algumas conquistas da Universidade, no período: participou dos diversos Projetos Genoma, captou cifras recordes junto às agências de fomento, foi a universidade pública que mais ampliou o número de vagas nos cursos de graduação e ocupa, hoje, no País, o segundo lugar em número de docentes com a titulação mínima de doutor – ela estaria, enfim, pronta para receber o século XXI. Aos 58 anos, 33 deles na UNESP, Antonio Manoel não se furta, porém, a apontar igualmente as tarefas que não pôde ver concluídas, como o cumprimento do regime de tempo integral, a conclusão do programa de ensino a distância e a consolidação do câmpus do Litoral Paulista, antigo Cepel. Há 15 anos ocupando cargos diretivos na Reitoria – sucessivamente como presidente da antiga Câmara Central de Pós-Graduação e Pesquisa, pró-reitor de Pós-Graduação e Pesquisa, vice-reitor e reitor –, Antonio Manoel, que ensina Literatura Brasileira no Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce) do câmpus de São José do Rio Preto, com 10 livros publicados, afirma, finalmente, deixar a Universidade com as finanças em situação bem melhor do que a que encontrou, em 1997, e estar disposto, além de continuar dando aulas, a seguir trabalhando para a Universidade.



Jornal da UNESP – *A chapa vencedora das eleições para reitor não tem nenhum membro que integre os quadros da atual reitoria. Tendo em vista esse resultado, como o senhor avalia, enquanto reitor, a sua participação no processo sucessório?*
Antonio Manoel dos Santos Silva – Minha atuação foi pautada por dois princípios. Primeiro, acredito que quem deseja ser reitor de uma instituição como a UNESP, com 15 câmpus universitários, 24 unidades universitárias e dez unidades complementares em 15 cidades, com uma comunidade de cerca de 3.300 professores e cerca de 30 mil alunos, precisa demonstrar espírito de liderança, o que implica, entre outras coisas, capacidade de conciliar grupos e disposição para superar diferenças ou divergências. Não quis interferir nesse processo. Em segundo lugar, ao adotar essa postura, ficou evidente que as diversas chapas com integrantes da atual administração não conseguiram superar suas diferenças internas. O resultado encerra um ciclo, que começou com o reitor Jorge Nagle, na gestão 1985/89, prosseguiu com a administração de Paulo Milton Barbosa Landim, de 1989 a 1992, e de Arthur Roquete de Macedo, entre 1993/96, e termina comigo, no período 1997/2000.

JU – *O senhor poderia definir melhor esse ciclo?*

Antonio Manoel – Os primeiros anos da UNESP, aqueles de sua criação, podem ser considerados como um período de paternalismo autoritário. Com a gestão de Jorge Nagle, houve a passagem para um estilo democrático. Embora ele fosse um pouco centralizador, usou a autoridade sem ser autoritário, principalmente no esforço para se ter

um novo Estatuto, em que os órgãos colegiados tivessem cada vez mais poder.

JU – *Retirar o poder das mãos do reitor e colocá-lo nas mãos dos órgãos colegiados não dificulta a administração?*

Antonio Manoel – Não se faz democracia sem correr riscos. Os representantes eleitos para participar dos órgãos de decisão do futuro da universidade necessitam cumprir seu compromisso. O que está acontecendo é que os professores mais graduados vêm, progressivamente, se afastando da administração. Vêm negligenciando a gestão administrativa em função de sua atividade de pesquisa, deixando que, cada vez mais, mestres e auxiliares de ensino participem das instâncias administrativas. Um grande desafio do futuro reitor da UNESP será justamente trazer os docentes mais qualificados para participar da gestão da Universidade.

JU – *Além desse desafio, quais outras dificuldades o novo reitor deverá enfrentar?*

Antonio Manoel – Uma das maiores dificuldades será, sem dúvida, a resolução da questão que envolve o cumprimento do tempo integral na Universidade. A Resolução UNESP número 99, sobre o tema, entra em vigor pleno no próximo ano e permitirá o controle e o acompanhamento do cumprimento desse regime de contrato, que exige dedicação total e exclusiva à universidade. Assim, em 2001 será possível controlar melhor a situação atual, em que ocorrem casos de proveito particular de recursos estatais. A dupla jornada, por constituir mau uso do dinheiro público,

pode até ser objeto, a qualquer momento de uma ação do Ministério Público. Haverá ainda uma grande pressão da sociedade, via poderes Executivo e Legislativo, para aumentar o número de vagas na Universidade. Acredito que, em 2002, poderemos, praticamente sem custo, abrir de 14 a 16 novos cursos, o que significa cerca de mil vagas. Além disso, 2002, por ser um ano eleitoral, deve ser marcado, como tradicionalmente ocorre, por diversas greves e tensas discussões sobre o futuro das universidades públicas. Outra questão pendente é a do aperfeiçoamento da carreira do servi-

dor e dos docentes, além da solução de três problemas estruturais: as despesas com o Hospital em Botucatu, o acerto de contas com os precatórios e o pagamento dos inativos, que hoje consome 26% dos recursos da UNESP.

JU – *Como estão as finanças da Universidade, hoje?*

Antonio Manoel – O futuro reitor vai receber as finanças num estado bem melhor do que eu as encontrei, há quatro anos. Em 1997, tive, em janeiro, R\$16 milhões em caixa. Nos anos seguintes, no mesmo mês, a Universidade dispunha, respectivamente, de R\$ 11 milhões, R\$ 4 milhões e R\$ 19 milhões. O primeiro semestre de 1999 foi particularmente de crise, pois a baixa arrecadação do ICMS trouxe sérias dificuldades para a Universidade. Só foi possível superar aquele momento com o envolvimento de todas as instâncias da UNESP. Naquele período, tive intenso orgulho de ser reitor de uma Universidade que soube se unir para enfrentar uma adversidade. O professor Trindade terá, no

início de 2001, uma reserva em torno de R\$ 50 milhões. A médio prazo, portanto, será possível pagar os precatórios e equacionar a dívida com o Ipesp.

JU – *Quais suas maiores realizações como reitor?*

Antonio Manoel – A UNESP deu um grande salto de qualidade. Hoje, por exemplo, ela faz parte da rede de laboratórios que desenvolvem os diferentes Projetos Genoma, da Fapesp, o que a alçou a patamares de prestígio científico não imaginados há quatro anos. Também captou mais recursos junto às agências de fomento do que em toda a sua história anterior. Em 1999, por exemplo, foram R\$ 29,7 milhões e, neste ano, R\$ 34,2 milhões. A UNESP também se situa em primeiro lugar no Programa Pró-Ciências e no Programa PET, sendo a universidade pública que, nos últimos três anos e meio, mais ampliou as vagas de cursos de graduação. Ocupa hoje, no País, o segundo lugar em número absoluto de docentes com titulação mínima de doutor. Em dezembro de 1996, a porcentagem de docentes com essa titulação era de 59% e, em fevereiro de 2000, já era de 76%. Os cursos de pós-graduação da UNESP formaram, em 1996, 663 mestres e doutores, número que literalmente dobrou em 1999. Houve ainda o crescimento do Programa de Iniciação Científica, que se reflete no número de trabalhos apresentados no Congresso de Iniciação Científica: 887, em 1996; 989, em 1997; 1.186, em 1998; 1.504, em 1999; e 1.536, em 2000. A UNESP também apresenta os cursos mais qualificados do País na Universidade da Terceira Idade e nos assentamentos rurais. Isso, sem falar das diversas atividades de aprimoramento de professores de primeiro e segundo graus, realizadas pelos Núcleos de Ensino em diversas unidades da Universidade.

JU – *E qual legado de sua gestão lhe parece mais importante?*

Antonio Manoel – Sem dúvida, o programa de infra-estrutura mais avançado e consolidado que temos é o programa de

Qualidade da Rede de Bibliotecas, construído ao longo de oito anos. De dois anos para cá, nossos alunos, pesquisadores e docentes têm acesso a mais de 6 mil títulos de periódicos, nacionais e estrangeiros. É uma pena que 90% dos usuários das bibliotecas não saibam disso. Somente neste

ano, foram aplicados aproximadamente R\$ 5,5 milhões na renovação de assinaturas e na compra de livros. A nossa rede de informática também é excelente, servindo de modelo para instituições multicâmpus. Nossa política de informática não só desestimula qualquer tipo de pirataria, como prevê a reposição dos equipamentos a cada três anos, numa renovação de material semelhante à que ocorre nas universidades européias. Também me orgulho do investimento que fizemos na graduação. As condições materiais foram 100% melhoradas, nos últimos três anos. Laboratórios e salas de aula com equipamentos defasados são coisa do passado, na UNESP. Também criamos o Programa do Professor Voluntário, que, com 112 participantes, permite que docentes aposentados permaneçam na Universidade, lecionando na graduação e na pós-graduação.

JU – *E suas maiores frustrações?*

Antonio Manoel – Gostaria de ter solucionado a questão do cumprimento do tempo integral ainda na minha gestão e de ter podido ampliar mais o número de vagas na graduação. Na minha gestão, houve um crescimento de 17%, mas acredito que poderíamos ter chegado a 50%. Em quatro anos, isso significaria ter um número de alunos próximo ao da USP. Também gostaria de ter levado adiante o programa de educação a distância. Há potencialidade para isso, principalmente pela instalação, quase completa, de uma rede de laboratórios para videoconferências, com sedes em Botucatu, Jaboticabal, Ilha Solteira, Bauri e Guaratinguetá. Os ambientes já estão instalados e serão inaugurados em dezembro, com um investimento total de US\$ 400 mil. Infelizmente, questões mais imediatas, como a preocupação com o aumento de vagas nos cursos noturnos e os altos custos do programa nos levaram a não estar na dianteira nessa área. Em compensação, ainda neste ano, inauguraremos o Centro de Idiomas de São José do Rio Preto, que permitirá que os alunos tenham acesso contínuo, via on-line e por televisão a cabo, com o idioma estudado. O poder de irradiação social dessa iniciativa, a ser implementada também em Assis e em Araraquara, onde há o curso de Letras, é ilimitado. Outras frustrações são não ter conseguido consolidar o câmpus do Litoral Paulista, antigo Cepel, e não haver realizado a reforma da pista de atletismo de Presidente Prudente, onde treinaram, em péssimas

“ Pretendo voltar a lecionar. A graduação me faz falta, pois gosto de formar pessoas. Não estarei mais reitor, mas permaneço na vida acadêmica ”

condições, alguns dos atletas olímpicos brasileiros que conseguiram a medalha de prata no revezamento dos 4 x 100 m rasos, em Sidney. Outra área em que precisamos melhorar é no nosso acesso às instâncias diretivas dos órgãos federais e estaduais de educação. Isso daria maior visibilidade à UNESP e

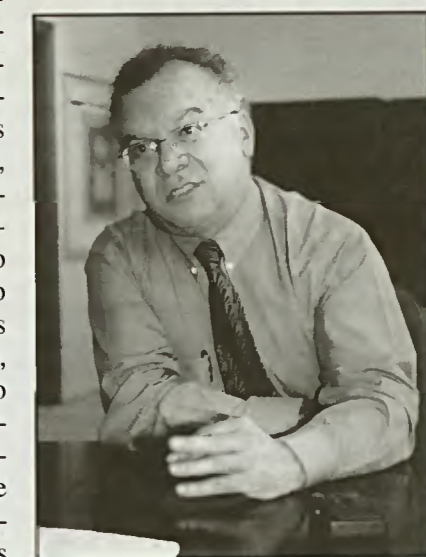
lhe permitiria participar de forma mais ativa de decisões importantes na área.

JU – *Muda alguma coisa na sua maneira de entender a educação, depois dessa experiência como reitor?*

Antonio Manoel – Comecei a trabalhar na Reitoria em 24 de outubro de 1985. Fui chamado pelo então reitor Jorge Nagle para ajudar a consolidar o sistema de pós-graduação da UNESP. De lá para cá, como pró-reitor, vice-reitor e reitor da Universidade, não mudei meus conceitos básicos sobre educação. O principal é que o ensino não pode ser objeto de lucro. A universidade precisa, acima de tudo, estar preocupada com a formação de pessoas. O ensino, na graduação e na pós-graduação, deve ser priorizado. Isso significa estímulo à pesquisa, que, por sua vez, interage com as atividades de extensão. No entanto, todas essas atividades devem retornar para o ensino de graduação. É uma pena ver docentes altamente qualificados que não gostam de dar aula na graduação e se voltam unicamente para a pesquisa. Ela é importante, mas deve trazer frutos para os alunos de graduação. Não podemos formar só pesquisadores.

JU – *Quais são os seus planos, para depois de deixar a Reitoria?*

Antonio Manoel – Embora possa me aposentar, pretendo voltar a lecionar nos cursos de graduação e pós-graduação do Ibilce, em São José do Rio Preto. Na verdade, nunca me afastei totalmente. A partir do momento em que assumi o cargo de vice-reitor, devido aos compromissos da função, só pude continuar lecionando na pós-graduação. E a graduação me faz falta, pois gosto de formar pessoas e a graduação é o melhor lugar para isso. Além de voltar a dar cursos regulares, o que é praticamente impossível trabalhando na administração, vou retomar minha carreira de crítico literário, um pouco abandonada nos últimos anos. Mas não digo isso com mágoa, pois sei que deixei meu nome inscrito na História da UNESP e, se for chamado pelos meus colegas de unidade para participar de comissões ou órgãos colegiados, aceitarei com o maior prazer. Estou também pronto para colaborar com a nova gestão, se for chamado. Tenho orgulho de ter sido reitor da UNESP e participarei sempre, de uma forma ou de outra; das importantes decisões que envolvam a Universidade. Não estarei mais reitor, mas permaneço na vida acadêmica.



BIBLIOTECAS

Bons livros, ao alcance das mãos

Universidade inaugura biblioteca-piloto de empréstimo automatizado

Uma biblioteca moderna não necessita apenas ter livros em quantidade e de qualidade. Precisa também oferecer condições para que os usuários os localizem rapidamente. Com esse objetivo, as bibliotecas da UNESP vêm se automatizando desde 1993. Neste final de ano, os resultados concretos desse esforço podem ser comprovados com a inauguração da remodelada biblioteca do câmpus de São José dos Campos. "Ela é a biblioteca-piloto do sistema de empréstimo automatizado, utilizando o software Aleph, que permitirá tornar mais fácil e rápida a implantação do módulo de empréstimo nas outras bibliotecas", afirma a biblioteconomista

Mariangela Fujita, coordenadora da Coordenadoria Geral de Bibliotecas (CGB) da UNESP.

O software Aleph permite a exibição da lista de todos os empréstimos e reservas de um unespiano, além do intercâmbio bibliográfico com outros softwares no mesmo formato, como os utilizados pela PUC-RS, Universidade de São Marcos, USP, Colégio Rio Branco e Biblioteca do Senado. "O sistema adotado pela UNESP, porém, é inédito no formato multicâmpus", diz Mariangela.

Nas bibliotecas da UNESP também é possível o acesso ao Banco de Dados Bibliográfico Athena, que integra o material bibliográfico disponível em



ALEPH

Mariangela: implantação fácil e rápida do módulo de empréstimo

toda a Universidade e conta com aproximadamente 74 mil registros, sendo 4.200 da unidade de São José dos Campos. "O acesso on-line ao Banco de Dados Bibliográficos Athena propicia ampla visibilidade dos recursos de informação disponíveis no acervo bibliográfico da UNESP e aciona um fluxo de informações mais intenso entre as bibliotecas da Rede UNESP", diz a biblioteconomista Maria Constância Martinho Souto, diretora da Biblioteca do câmpus de São José dos Campos. O acesso ao banco Athena pode ser feito a partir de qualquer microcomputador ligado à Internet. O endereço para consulta do acervo é <http://www.cgb.unesp.br>

INAUGURAÇÕES

Câmpus ganha novas instalações

Além de dois prédios de laboratórios, que somam 1.160 m², Bauru tem agora um grande espaço de interação

Bauru conta, desde outubro último, com um câmpus ainda mais aparelhado para atender a toda a comunidade unespiana. Foram inaugurados, com a presença do reitor Antonio Manoel dos Santos Silva, dois prédios de laboratórios da Faculdade de Engenharia (FE) e uma praça central, denominada Espaço de Integração e Atividades Culturais. "Fico satisfeito que, chegando ao final de minha gestão, também esteja encerrando a lista prevista de obras voltadas para o ensino", afirmou o reitor.



800 m²
Laboratório Didático de Informática

Os prédios entregues à FE abrigam laboratórios equipados com recursos de última geração. O Laboratório Didático de Informática, com 800 m² de área construída, custou R\$ 440 mil à Reitoria e atenderá alunos e professores de graduação e de

pós-graduação. Composto por dez salas e um anfiteatro com capacidade para 120 pessoas, possui equipamentos com acesso facilitado à Internet. O outro prédio, com 360 m² de construção, custou cerca de R\$ 85 mil, inclui nove laboratórios, salas de

aula e equipamentos de audiovisual, e foi erguido e equipado graças a uma parceria entre a FE e a Reitoria. "Essa obra era prioritária", diz o diretor da faculdade, engenheiro Edwin Avolio.

O Espaço de Integração e Atividades Culturais, construído com recursos próprios e mão-de-obra do Setor de Manutenção do câmpus de Bauru, quer tornar um bosque de 3.360 m² já existente num ponto de referência da comunidade acadêmica. O espaço, de propriedade do câmpus, conta agora com um palco central, arquibancada, bancos e quatro quiosques. "Apesar das dificuldades orçamentárias, conseguimos realizar obras importantes e implementar investimentos para o ensino, a pesquisa e a interação dos unespianos", diz Avolio.

ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA

Ciência jurídica inaugura centro

Espaço será dedicado aos estudos e pesquisas na área

CERIMÔNIA
O mineiro
Corrêa:
homenagem

A UNESP ganhou, em outubro último, um novo centro para promover o desenvolvimento de pesquisas e a realização de estudos na área jurídica. Trata-se do Centro de Estudos e Pesquisas "Prof. Dr. Luiz Fabiano Corrêa", criado pelo Departamento de Administração Pública da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara. Sob responsabilidade da advogada Sara Corrêa Fattori, do mesmo departamento, o novo centro foi inaugurado com a palestra "Reforma Administrativa Brasileira", proferida pela advogada Maria Sylvia Zanella Di Pietro, da Faculdade de Direito da USP e uma das maiores autoridades nacionais na área de Direito Administrativo. "O espaço será destinado ao desenvolvimento de pesquisas, realização de estudos e arquivo de documentação relativa ao curso de Administração

Pública, em todas as suas áreas", afirma Sara. "Já se encontram em pleno desenvolvimento os trabalhos de um grupo de estudos de direito civil comparado, formado por alunos da graduação interessados em aprofundar os conhecimentos na área jurídica."

O centro recebeu seu nome em homenagem aos relevantes serviços prestados pelo advogado Luiz Fabiano Corrêa à UNESP e à Ciência Jurídica. Nascido em Alfenas, MG, o homenageado, com 66 anos, atuou como Juiz de Direito na Magistratura do Estado de São Paulo de 1967 a 1983. Seis anos depois, começou a lecionar as disciplinas jurídicas



Divulgação

nos cursos de Administração Pública e de Economia da UNESP. "Corrêa continua exercendo suas atividades docentes, sempre com dedicação e competência", declara Sara. "É um homem que mantém a humildade de continuar aprendendo", elogiou, por seu turno, o advogado Jorge David Barrientos-Parra, chefe do Departamento de Administração Pública da FCL, na cerimônia de abertura do centro.

RÁDIO

Para Bauru e região

Há quase dez anos no ar, Rádio UNESP recebe novo transmissor e aumenta raio de cobertura

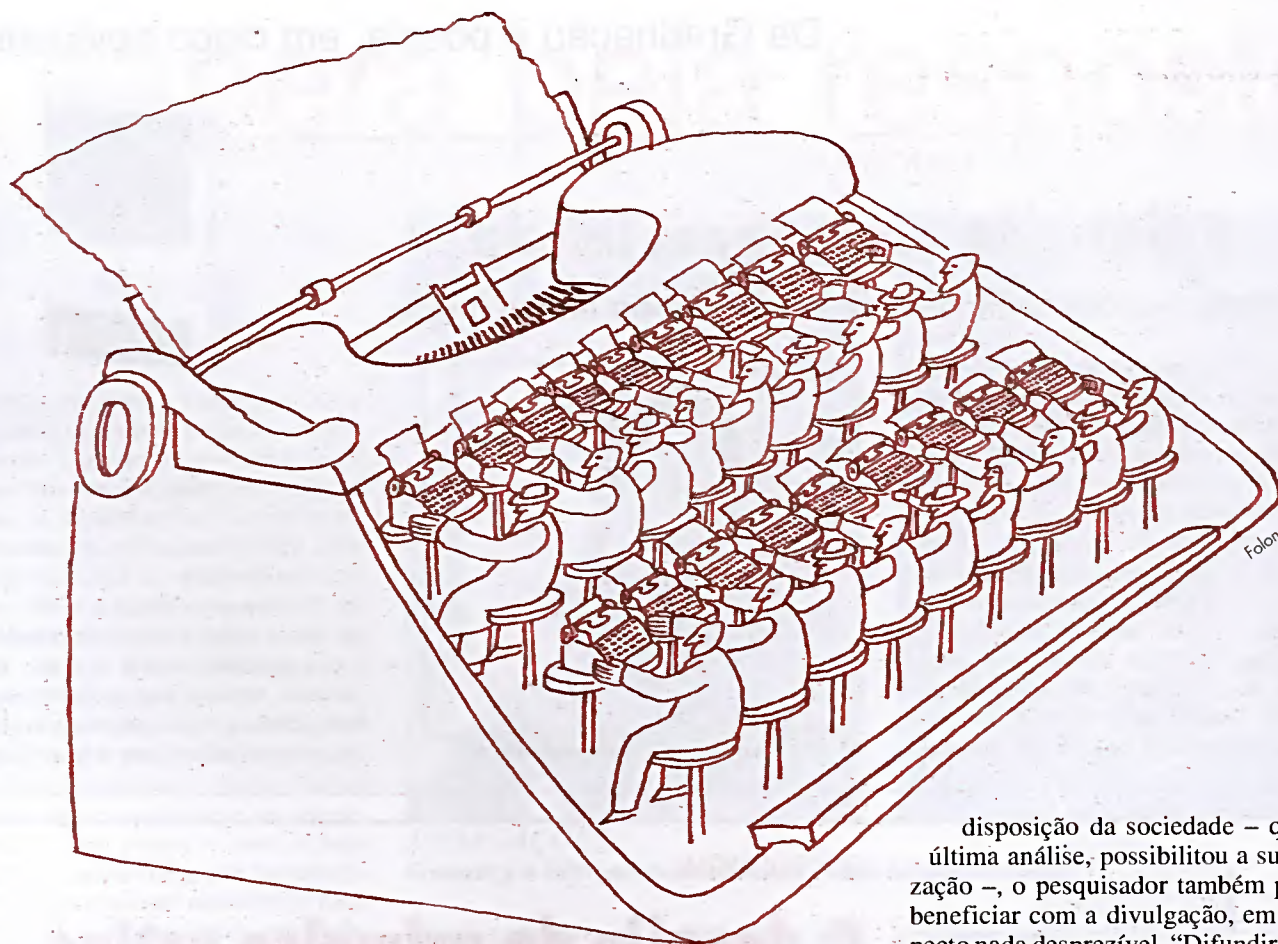
Há algo de novo no ar na região de Bauru. Desde o dia 13 de setembro passado, as ondas da Rádio UNESP FM de Bauru estão mais potentes. É que nesse dia entraram em operação novos equipamentos de transmissão, compostos de um transmissor marca Telavo, de 5 kilowatts de potência, um multiprocessador de áudio, de marca MTA, e um monitor de modulação. "Mesmo transmitindo com potência reduzida, o novo transmissor melhorou sensivelmente a recepção da rádio e aumentou o raio de cobertura do nosso sinal, que atinge diversos municípios vizinhos a Bauru, numa distância aproximada de 50 quilômetros", explica Murilo César Soares, diretor geral da Rádio. "Até então, íamos ao ar com potência de 600 watts, comprometendo a recepção principalmente em cidades vizinhas, onde o som chegava com muita irregularidade."

Os novos equipamentos foram inaugurados oficialmente pelo reitor da UNESP, Antonio Manoel dos Santos Silva, no último dia 24 de novembro. De acordo com Soares, os aparelhos custaram 53 mil reais e foram adquiridos pela UNESP com o apoio cultural da Nossa Caixa Nosso Banco. No ar desde 1991, a Rádio UNESP é uma das 30 emissoras universitárias em operação no Brasil. "Seus principais objetivos são cooperar para o desenvolvimento e a divulgação das atividades de ensino, pesquisa e extensão da Universidade, bem como promover programas visando ao aprimoramento dos conhecimentos científicos, artísticos e culturais da comunidade", diz. "A programação da rádio traz ainda música popular brasileira, erudita, instrumental, jazz, blues e rock and roll, com informações históricas e críticas. Os programas de conhecimento incluem jornalismo científico, psicologia e literatura brasileira, com dicas para os vestibulandos, além de entrevistas com personalidades de diversas áreas."



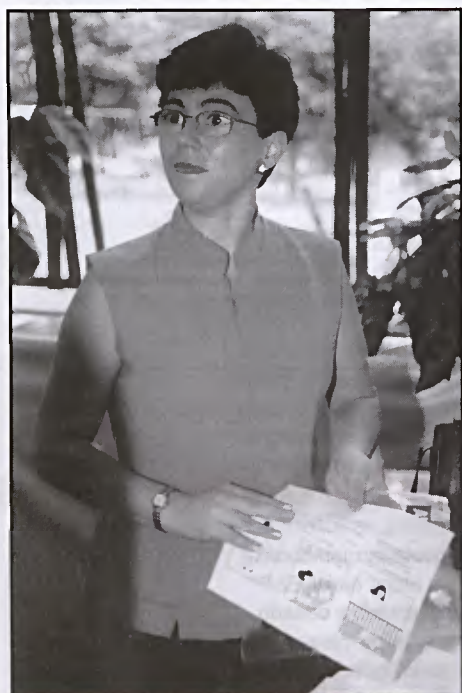
Quando a ciência vira notícia

Incompreensões e algum despreparo, de parte a parte, têm levantado barreiras entre cientistas e jornalistas. Mas, todos concordam, a correta divulgação do conhecimento pela mídia é uma aliada do pesquisador e um direito da sociedade



Embora um grande número de pesquisadores não goste, pelos mais variados motivos, de dar entrevistas, há também muitos deles que não vêem inconveniente nenhum em falar com a imprensa. Ao contrário, sempre encontram uma brecha em sua agenda e falam com visível prazer e desenvoltura aos jornalistas. Isso ocorre, geralmente, depois da primeira reportagem de que foram objeto: logo começam a colher os frutos do reconhecimento, em forma de novas entrevistas, de consultas de seus pares e do público leigo.

Exemplo dessa postura é a da psicóloga Sandra Regina Gimenez-Pascoal, do Departamento de Fonoaudiologia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, câmpus de Marília, que teve seu trabalho *Prevenção de quedas acidentais de bebês: uma intervenção do psicólogo com mães usuárias do setor de Pediatria de um Centro de Saúde* divulgado em jornais como *Folha de S. Paulo*, *Diário Popular*, *Diário do Grande ABC*, *Diário da Região de Araçatuba*, pelas revistas *Veja* e *Saúde*, pelas rádios *Eldorado* (duas vezes), *Jovem Pan*, *CBN* e pelas TVs *Cultura*, *Bandeirantes* (duas vezes). "O mais importante é o acesso que a população passa a ter à informação, já que meus trabalhos são voltados para a prevenção de acidentes infantis por meio de procedimentos bastante simples. Como a maioria das pessoas não frequenta congressos específicos nem bibliotecas, a divulgação das minhas pesquisas pela imprensa é de utilidade pública", explica a psicóloga da UNESP.



DIVULGAÇÃO
Sandra: utilidade pública

ÉTICA E CLAREZA

Apesar dos benefícios inegáveis, há quem lembre que a divulgação de um trabalho pela mídia deve ser cercada de alguns cuidados. "Deve haver, sempre, um compromisso com a veracidade dos dados", ressalva o dermatologista Vidal Haddad Júnior, de Departamento de Dermatologia da Faculdade de Medicina (FM), câmpus de Botucatu. "A divulgação de nossas pesquisas pela mídia, desde que feita de maneira ética e clara, é válida."

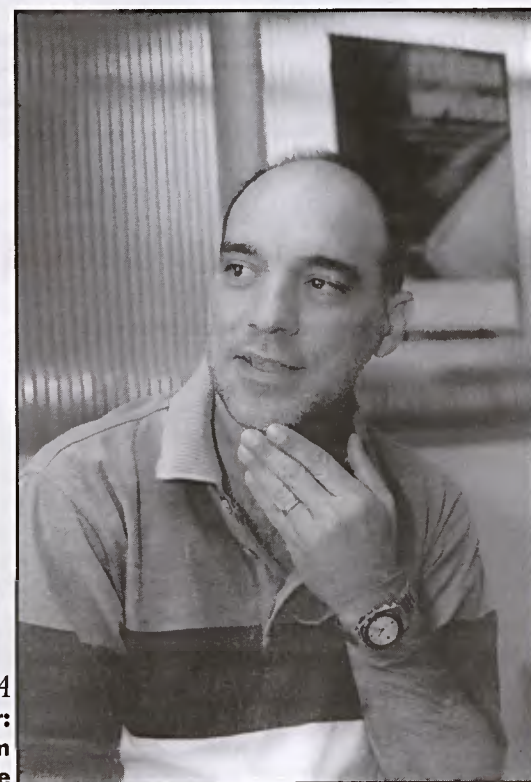
Haddad é autor do *Atlas de animais*

aquáticos perigosos do Brasil e especialista no assunto. Quando seu livro foi publicado, no início de 2000, o dermatologista foi procurado pelo *Jornal da Tarde*, *O Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo*, *Diário Popular* e *Jornal do Brasil* (RJ) e alguns jornais regionais de Botucatu, Bauru e Ubatuba, além das revistas *Mergulho*, *Náutica*, *Saúde*, *Globo Ciência e IstoÉ*, entre outras. "Essa divulgação foi muito importante, porque permitiu que o público tomasse conhecimento do meu trabalho e pudesse usufruir dele", explica Haddad. Escrita, aliás, numa linguagem clara, típica do bom jornalismo, a obra traz inúmeras dicas para se evitar os perigos que se escondem no fundo dos rios e dos mares. "Seria uma pena que fosse lida apenas pelos meus pares." O também médico Fausto Viterbo, do departamento

de Cirurgia Plástica e Radioterapia da FM de Botucatu, concorda com o colega: "De nada adianta o pesquisador descobrir coisas maravilhosas e ficar enfiado no laboratório, sem dividir suas conquistas com a sociedade."

Embora se confesse um entusiasta da divulgação, Viterbo, no entanto, não se furta a apontar problemas na relação do pesquisador com a mídia e até com seus pares. "Falta preparo a muitos cientistas para lidar com a imprensa", critica. "Muitos fogem de um microfone como o diabo da cruz. Outros são capazes de grandes descobertas, mas quando vão falar com a mídia fazem declarações inadequadas." A relação entre pesquisadores pode, às vezes, ser mais complicada ainda. "Se um pesquisador consegue que seu trabalho seja bem divulgado, pode despertar a inveja entre seus pares", lamenta.

Ossos do ofício. No geral, porém, uma boa divulgação pesa favoravelmente no fiel da balança. Além de colocar o seu trabalho à



ÉTICA
Haddad Júnior: compromisso com a veracidade

disposição da sociedade – que, em última análise, possibilitou a sua realização –, o pesquisador também pode se beneficiar com a divulgação, em um aspecto nada desprezível. "Difundir um trabalho na mídia é também chamar a atenção dos órgãos de fomento", considera Viterbo. "Essa visibilidade facilita a obtenção de financiamentos". Ainda que só por esse motivo, portanto, nada mau considerar o jornalista um bom parceiro de jornada.

Evanildo da Silveira

Receber jornalista não é favor. É obrigação

Para professor da USP, cientista tem que prestar contas de seu trabalho à sociedade

Grande parte dos pesquisadores brasileiros não tem consciência da importância da divulgação de seu trabalho pela mídia. A afirmação é do professor de jornalismo da Escola de Comunicações e Artes (ECA), da USP, Wilson da Costa Bueno. "Os cientistas têm de se conscientizar que é fundamental que eles mostrem a importância da ciência e da tecnologia para o desenvolvimento do País", considera. "E, para isso, a divulgação na mídia é indispensável."

Outro ponto que o professor faz questão de salientar é que os pesquisadores têm um papel importante na democratização da informação

científica, vale dizer, do conhecimento. Eles precisariam, portanto, se comunicar com a sociedade – e nada melhor para isso do que usar, como intermediários, os meios de comunicação. Bueno, que é ex-presidente da Associação Brasileira de Jornalismo Científico (ABJC), lembra ainda que, ao fazer isso, os cientistas não estão prestando nenhum favor à mídia, muito menos ao público. "Eles têm obrigação de prestar contas de seu trabalho à sociedade, porque, em maior ou menor grau, são financiados por ela", diz. "Negar-se a divulgar o resultado de suas pesquisas também é uma atitude egoísta, que demonstra que o pesquisador não entendeu a função social da ciência."

Mas estes descompassos, avalia o professor da ECA, não podem ser atribuídos apenas à incompreensão do cientista. Para ele, também a imprensa tem culpa em cartório. Às vezes, ela é despreparada e sensacionaliza as informações. "A solução para o impasse é que mídia e pesquisadores sejam parceiros na democratização do conhecimento. "A imprensa deve se preparar melhor, mas cabe ao cientista dar o primeiro passo. Como é ele que detém o conhecimento, deve entender que as distorções só acabarão se ajudar a esclarecer o jornalista, informando com clareza."

(E.S.)



Lançamentos de docentes

Da Graduação à poesia, em cinco novidades

EDUCAÇÃO

Relato de uma experiência

Ações, reações e dilemas de uma vivência universitária

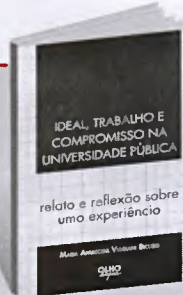
Com o objetivo de promover a qualidade do ensino de graduação e o trabalho junto às escolas de ensino infantil, fundamental e médio, a pedagoga Maria Aparecida Viggiani Bicudo ocupou a Pró-Reitoria de Graduação (Prograd) da UNESP por duas gestões consecutivas, de 1993 a 2000. Dessa experiência, institucional e acadêmica, surge *Ideal, Trabalho e Compromisso na Universidade Pública* (Editora Olho D'Água; 136 págs.; R\$ 12,00), obra em que relata ações, reações, contradições e dilemas da vivência cotidiana na universidade. O ensino de Graduação, a formação de profes-



Maria Bicudo: reflexão acadêmica

Hélcio Toth

res e a educação a distância são objetos de reflexão. A autora lembra que, enquanto esteve à frente da pró-reitoria, a Universidade criou 779 vagas, o que representa 20 novas turmas, com média de 40 alunos cada. "Não basta, porém, oferecer mais vagas na Graduação. É preciso ter qualidade. Governo e sociedade precisam entender isso e formar profissionais competentes e com capacidade criativa e crítica", afirma. "Acredito também que os multimeios, se bem utilizados, trarão profundas mudanças nas relações entre ensino e aprendizagem."



ENGENHARIA

Madeeeira!

Fruto de 12 anos de investigação científica sobre processos de corte de madeira, este livro apresenta os resultados de pesquisas realizadas em trabalhos universitários, além de informações e dados extraídos de bibliografias internacionais. "A publicação abrange diversos públicos, desde estudantes de escolas técnicas industriais a profissionais de empresas do ramo madeireiro", conta o autor, o engenheiro mecânico Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves, do Departamento de Engenharia Mecânica da Faculdade de Engenharia (FE) da UNESP, câmpus de Bauru. A obra enfoca as tecnologias do processamento da madeira, visando a melhoria de qualidade, o aumento da produtividade e a redução de custos. Estuda a anatomia da madeira, as suas características e propriedades, os fundamentos e a classificação dos processos de usinagem, o serramento, as ferramentas de corte e os processos de fabricação de chapas. "Enfatiza, enfim, os processos de trabalhar a madeira de forma racional, com otimização de recursos", afirma.

Processamento da Madeira, de Marcos Tadeu Tibúrcio Gonçalves. Document Center Xerox, Universidade do Sagrado Coração, Bauru, SP; 256 págs.; R\$ 23,00.

Informações: (0xx14) 221-6119 ou 221-6121.



SOCIOLOGIA

O desafio do primeiro artigo

grama de Pós-Graduação em Sociologia da Faculdade de Ciências e Letras (FCL) da UNESP, câmpus de Araraquara, e de Antropologia da Universidade do Pará. "O volume é bastante rico e capaz de interessar a um grande número de leitores, pois aborda uma gama bem diversificada de temas", diz a organizadora do volume. Os ensaios estudam o fim do Estado empresário, a sociabilidade urbana entre jovens de baixa renda, a sociabilidade nas ruas de lazer, o imigrante e o capital cafeeiro, alcoolismo e cotidiano, solidariedade e

ética política, além de estudos sobre a mulher e o espaço político formal. "O livro dá a novos pesquisadores a experiência da produção de um artigo, respeitando os interesses de cada um", afirma. "Eles se familiarizam com a escrita científica e aprendem a resolver problemas na pesquisa e na redação de monografias."

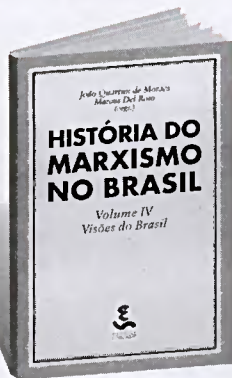
Sociabilidade: espaço e sociedade, de Maria Angela D'Incao (organizadora). Grupo Editores; 302 págs.; R\$ 20,00. Informações: mandicao@uol.com.br



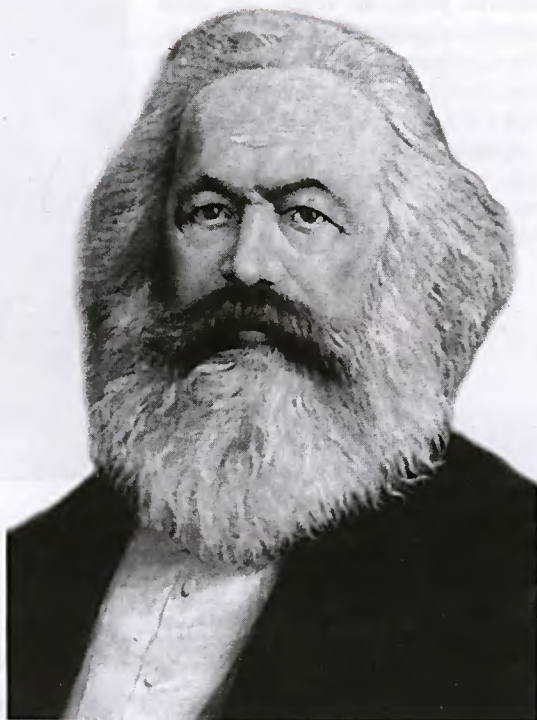
início da carreira de um jovem pesquisador não é fácil. Publicar os primeiros artigos é sempre um desafio. Neste livro, a socióloga Maria Angela D'Incao contorna o problema e reúne ensaios de pesquisadores iniciantes do grupo de estudos temáticos "Espaço e Sociedade", do pro-

POLÍTICA

Ação marxista no Brasil



Marx: exame crítico da obra do pensador alemão



Reprodução

Sete estudos examinam criticamente as principais visões e interpretações marxistas da sociedade brasileira, bem como as grandes questões e os debates que elas suscitaram. Este é o quarto volume de um projeto iniciado, em 1988, pelo grupo de pesquisa Movimentos e Partidos de Esquerda, e que prevê a publicação de mais dois livros sobre a análise das organizações e da ação política dos marxistas no Brasil, no século XX. "No meu ensaio, estudo o esforço dos marxistas brasileiros para pensar as particularidades da revolução democrático-burguesa na era imperialista", diz o cientista político Marcos Del Roio, da Faculdade de Filosofia e

Ciências da UNESP, câmpus de Marília, um dos organizadores da obra, que focaliza, entre outros temas, feudalismo, capital mercantil, colonização, luta pela terra e organização dos trabalhadores rurais nos anos 1950/60. "O projeto apresenta três grandes núcleos temáticos: a recepção da obra de Marx e Engels, a interpretação marxista da sociedade brasileira e o combate político aos marxistas brasileiros."

História do marxismo: visões do Brasil (volume IV), de João Quartim de Moraes e Marcos Del Roio (organizadores). Editora da Unicamp; 312 págs.; R\$18,50. Informações: (0xx19) 3788-1094/96/97.

POESIA

Projeto a seis mãos

Da parceria entre um poeta pernambucano, um docente e uma aluna da UNESP surgiu um livro de poemas ilustrado e editado com rara delicadeza. O artista da palavra é José Gonçalves da Luz Neto, que se autodefine como "informata". Do seu desejo de escrever uma obra que reunisse seus versos, nasceu a parceria com o artista plástico Pelópidas Cypriano de Oliveira, do Departamento de Artes Plásticas do Instituto de Artes (IA) da UNESP, câmpus de São Paulo, coordenador do projeto editorial, e a ilustradora Flávia Leme, 21 anos, segundista do curso de Artes Plásticas do IA. O volume reúne 52 poemas, todos eles ilustrados. "Agradeço aos profissionais da UNESP por terem acreditado no meu trabalho, oferecendo o suporte necessário para viabilizar esta publicação", diz o autor, que está escrevendo um



romance, *O Informata*, sobre o poder da informação e a ética de seu uso. "Este projeto reúne numerosos desdobramentos, como a produção de um CD-ROM com os poemas do livro e a declamação de poemas na noite de lançamento, realizada em setembro último", conta Oliveira. "O processo foi muito instrutivo", completa Flávia.

Já Não Mais, de José Gonçalves da Luz Neto. Editora Expressão e Cultura; 132 págs.; R\$ 20,00. Informações: (0xx21) 444-0731 ou pelo e-mail exped@ggh.com.br



Hélcio Toth

Luz Neto, Flávia e Oliveira: informata

O autor indaga. E sequer espera pela resposta

Já a partir do título, Ian Hacking tenta chamar a atenção para o caráter radical das relações possíveis entre Filosofia e Linguagem

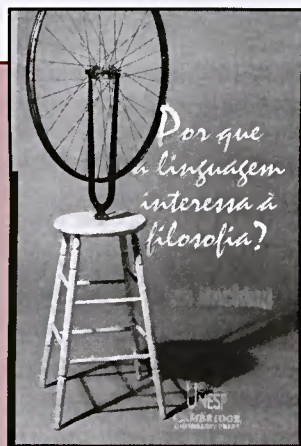
ROGÉRIO ELPIDIO CHOCIAY

Citando e comentando Wittgenstein, o físico Stephen W. Hawking, na conclusão de seu célebre *Uma breve história do tempo: do big bang aos buracos negros* (1988), observa, com alguma ironia, que, em virtude do extremo e refinado grau de aprofundamento e especialização que atingiram as ciências no mundo moderno, os filósofos, que em séculos anteriores dominavam todas elas como instrumentos necessários ao seu ofício, tiveram de reduzir o foco de suas indagações de tal modo que “a única tarefa que sobrou para a Filosofia foi a análise da

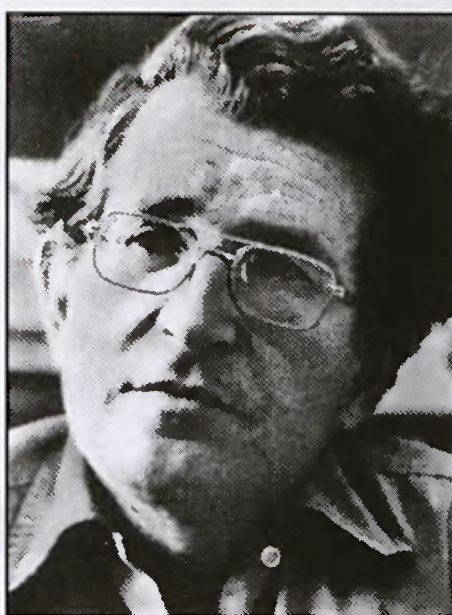
linguagem”. Na verdade, o que quis dizer o ilustre físico é que o discurso das ciências, particularmente das chamadas Ciências Exatas, atingiu tal índice de complexidade que, hoje, em cada uma delas, apenas dois ou três cientistas podem dizer que o dominam em sua plenitude, restando aos demais o papel de coadjuvantes compenetrados.

A leitura de *Por que a linguagem interessa à filosofia?*, escrito por Ian Hacking a partir de uma série de palestras ministradas em Cambridge, parece exemplificar tal parecer, em primeiro lugar porque o título e tema constitui uma daquelas perguntas bastante inteligentes que, mudado por milímetros o foco, se torna indagação ingênua sobre uma obviedade. O autor percebe evidentemente o perigo, e acaba nos revelando, no correr do texto, o caráter retórico do título, cujo objetivo é antes chamar a atenção para a radicalidade da relação entre Filosofia e Linguagem, qualquer que seja o aspecto considerado, do que apontar para uma resposta ou conjunto de respostas conclusivas.

O livro alinhava, assim, uma série de reflexões muito bem informadas e fundamentadas sobre a ponte de interesses mútuos que sempre existiu entre as indagações filosóficas e as indagações lingüísticas, apresentando-se em três partes bem definidas – O apogeu das idéias, O apogeu dos significados, O apogeu das sentenças –, que o autor organiza sob o ponto de vista de suas próprias reflexões. Assim posto e desenvolvido, constitui uma leitura bastante instigante a estudiosos de ambos os campos e, ao cabo, a todos os cientistas, justamente pelo fato de



Por que a linguagem interessa à filosofia?, de Ian Hacking. Editora UNESP/Cambridge University Press; tradução de Maria Elisa Marchini Sayeg; 200 págs.; R\$ 22,00, com 25% de desconto para a comunidade unespiana.



INDAGAÇÕES

Chomsky e Wittgenstein: reflexões bem fundamentadas

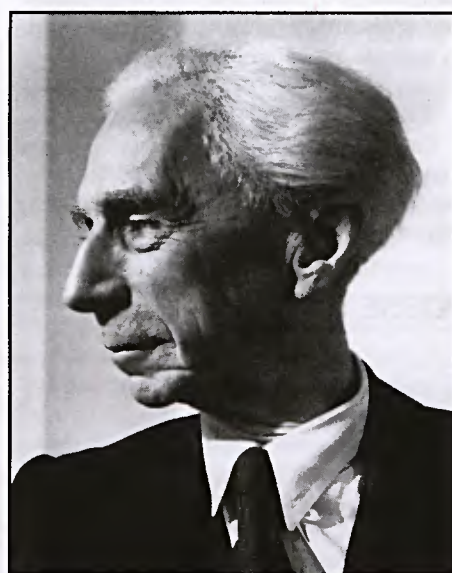
chamar a atenção para a relação entre a essência do fenômeno lingüístico e o caráter instrumental-essencial do discurso, não apenas para a Filosofia, mas para todas as ciências, o que justifica as permanentes preocupações de todas as áreas em elucidar a natureza da linguagem.

Na síntese que realiza no último capítulo, Hacking desvela o real objetivo de seu trabalho, afirmando que “não precisa haver nenhuma resposta geral, verdadeira e interessante” para a sua questão, já que a importância desta reside no que é capaz de provocar em termos de reflexões, formas de abordagem e questionamentos sobre a própria natureza do conhecimento.

Rogério Elpidio Chociay é escritor, professor e orientador voluntário do Curso de Pós-Graduação em Letras do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, câmpus da UNESP de São José do Rio Preto.



Fotos Reprodução



Jane Bowles

CONTRIBUIÇÃO

Bertrand Russell: esquema metafísico

Os caminhos nem sempre suaves da alfabetização

Obra mapeia história da educação no Estado de São Paulo

ALEJANDRO FABIAN

Alfabetizar é um dos maiores desafios da educação. Ensinar as primeiras letras é um passo essencial para a formação do cidadão e, dependendo do método adotado, é possível construir cidadãos ou meros obedientes a regras e normas. *Os Sentidos da Alfabetização: São Paulo, 1876/1994*, da educadora Maria do Rosário Longo Mortatti, enfoca essas questões, na busca de uma maior compreensão dos rumos da educação paulista. O livro mostra, por exemplo, a luta, no final do século passado, entre os partidários do revolucionário “método João de Deus” para o ensino de leitura, baseado na palavração, e os defensores dos até então tradicionais métodos sintéticos, como soletração e silabação, nos quais se baseavam as primeiras cartilhas produzidas no Brasil.

Escrito por João de Deus e publicado, em Portugal, em 1876, o método que leva o

nome do poeta português passa a ser divulgado entre nós a partir do início da década de 1880 pelo positivista militante e professor de português Antonio da Silva Jardim. Desperta então debates apaixonados. A partir dos anos 1920, ocorre, no entanto, uma diluição gradativa do tom de combate, ocorrendo uma tendência crescente de relativização da importância do método. Houve, porém, um recrudescimento das disputas no final dos anos 1970. De um lado, postaram-se os partidários da revolução conceitual proposta pela pesquisadora argentina Emilia Ferreiro, defensora do construtivismo. Contra eles, colocavam-se profissionais que advogavam os métodos e cartilhas tradicionais.

Desde então, o construtivismo, em linhas gerais, passou a ser a bandeira dos educadores progressistas para atingir mudanças sociais e políticas. Atualmente, no entanto, já surgem novas perspectivas para a alfabetização, principalmente aquelas que a entendem de forma interdisciplinar por excelência. Assim, educadores como Piaget e



Os Sentidos da Alfabetização. 1876/1994, de Maria do Rosário Longo Mortatti. Editora UNESP, Comitê dos Produtores da Informação Educacional e Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais; 374 págs.; R\$ 32,00. Desconto de 25% para a comunidade unespiana.

Vygotsky são a base de boa parte das discussões sobre educação no País.

Licenciada em Letras pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, posteriormente incorporada à UNESP, Maria do Rosário atuou durante 15 anos como professora da rede pública e particular e defendeu sua livre-docência, em Metodologia do Ensino de Primeiro Grau, na UNESP, onde integra o corpo docente do curso de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Filosofia e Ciências (FFC), câmpus de Marília.

Versão em livro da tese, a obra mostra a bagagem de Maria do Rosário como pesquisadora e professora nos níveis fundamental, médio e superior. A autora selecionou documentos impressos e manuscritos produzidos no período enfocado, além de normatizações contidas em legislação de ensino, como leis, decretos, regulamentos, portarias e programas. Oferece, assim, uma obra indispensável para conhecer os caminhos da alfabetização no Estado de São Paulo.

Não entre nessa gelada

Análise revela contaminação do gelo por coliformes fecais e inúmeros microrganismos patogênicos

Há mais perigos num copo de uísque *on the rocks* ou num suco gelado do que pode revelar a transparência de seus cubos de gelo. É o que constatou a farmacêutica Juliana Pfrimer Falcão depois de analisar 60 amostras de gelo em cubos, barras e escamas de fábricas de Araraquara, que utilizavam água clorada da rede de abastecimento ou de poços artesianos. “Encontramos, em todas as amostras, contaminação por coliformes fecais e a presença de vários microrganismos patogênicos”, revela Juliana, que é pesquisadora do Departamento de Bioquímica e Microbiologia do Instituto de Biociências da UNESP, câmpus de Rio Claro.

O trabalho acabou por resultar na dissertação de mestrado *Estudo microbiológico do gelo utilizado em alimentos: pesquisa de fatores de virulência em enterobactérias isoladas*, apresentada em julho passado e prestes a ser publicada. De acordo com a orientadora de Juliana, a também farmacêutica Deise Pasetto Falcão, do Departamento de Ciências Biológicas da Faculdade de Ciências Farmacêuticas da UNESP, câmpus de Araraquara, em cujo laboratório foram feitas as análises, a pesquisa revelou ainda que os microrganismos apresentavam resistência contra vários tipos de antibióticos.

TRATAMENTO DIFICULTADO

Esta constatação é preocupante porque a resistência múltipla pode dificultar o tratamento de uma pessoa que tenha sido infectada por esses microrganismos.



PERIGO
Barras e cubos de gelo: bactérias resistentes

Como exemplo, Juliana cita o caso da bactéria *Yersinia enterocolitica*, que apresentou resistência a vários tipos de antibióticos, como penicilina, cefalotina, ampicilina, rifamicina e clindamicina. Já a *Salmonella enteritidis*, também registrada no gelo pesquisado, apresentou resistência contra a penicilina, estreptomicina, rifamicina e clindamicina. “Isso demonstra que, para combater uma infecção causada por este tipo de contaminação, a disponibilidade de antibióticos eficazes estaria mais reduzida”, alerta Deise.

A presença deste tipo de contaminação representa, na opinião das pesquisadoras, um perigo potencial para a população que utiliza o gelo direta ou indiretamente nos alimentos. “Apesar de a pesquisa ter sido realizada com produtos comercializados na cidade de Araraquara, o resultado pode ser estendido para o resto do País, pois o sistema de produção (uso de água de poço artesiano e da rede de abastecimento) é comum à maioria das fábricas do Brasil”, afirma Deise.

Há várias hipóteses para explicar as

causas da contaminação nas amostras analisadas. “No caso do gelo da empresa que usava água da rede de abastecimento, por exemplo, a contaminação pode ter ocorrido durante a fase de manipulação ou por causa de um problema no encanamento”, explica Juliana. “Já a hipótese para a causa da contaminação do gelo da fábrica que usava água de poço artesiano é de que o lençol freático estivesse contaminado.” A solução para esse problema, aponta a farmacêutica, é um rígido controle microbiológico. “A produção do gelo tem que envolver os mesmos cuidados que cercam a produção e manipulação de quaisquer alimentos”, pondera. “E, em casa, para a obtenção de cubos de gelo, ou usa-se água mineral ou ferve-se a água por pelo menos 15 minutos.”

POSSE I

Qualidade é palavra de ordem

Otimizar recursos é meta prioritária da nova diretoria do Instituto de Química

Implantar um programa de qualidade, que potencialize o aproveitamento da infraestrutura e dos recursos humanos, melhorar as relações com a mídia e a sociedade e simplificar e informatizar procedimentos, para otimizar o funcionamento da unidade. Essas são algumas das metas da nova diretoria do Instituto de Química da UNESP, câmpus de Araraquara, a química Elizabeth Berwerth Stucci, que tomou posse no último dia 23 de novembro. Junto com Elizabeth foi empossado, pelo reitor Antonio Manoel dos Santos Silva, o novo vice-diretor do IQ, o também químico Miguel Jafellici Júnior. Elizabeth substituiu José Roberto Ernandes e Jafellici Júnior assume no lugar da própria Elizabeth, que era vice-diretora.

Além de dar sequência à administração anterior, a nova diretora pretende reestruturar o currículo da graduação, adaptando-o às novas diretrizes do Ministério da Educação e às exigências dos novos tempos. “Queremos mudar a cultura da nossa graduação”, explica Elizabeth. “Nossos alunos chegam com alguns vici-



NOVOS RUMOS
Jafellici Júnior e Elizabeth: trabalho em equipe

os trazidos do colégio, que precisamos tirar. Vamos formar profissionais que saibam trabalhar em equipe e de forma independente.”

Quanto ao novo vice-diretor, ele pretende dar continuidade aos projetos de extensão do IQ. “O Curso Pré-vestibular do Câmpus de Araraquara (CUCA), o Centro de Ciências e o Centro de Alquimia, que é um grupo de divulgação da química, terão o meu apoio”, explica Jafellici Júnior. “Como vice-diretor, também vou me ocupar das questões administrativas do IQ.”

3 x 4

Elizabeth Berwerth Stucci nasceu em Araraquara, no dia 24 de novembro de 1951, é casada e tem dois filhos. Graduiu-se em Química, em 1973, pela então Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Araraquara, e ingressou na UNESP como auxiliar de ensino, em 1976. Em 1979, concluiu o doutorado em Química Inorgânica, no Instituto de Química da USP, onde também fez o pós-doutorado, em 1984. Hoje, Elizabeth é docente do Departamento de Química Geral e Inorgânica do IQ.

POSSE II

Integração e crescimento físico

Estes são dois dos objetivos dos novos dirigentes da FAAC/Bauru



AÇÕES
Silva e Loriza: consolidações

Consolidar a integração com a comunidade regional e aumentar o espaço físico da unidade. Esses são dois dos objetivos do designer José Carlos Plácido da Silva, novo diretor da Faculdade de Arquitetura, Artes e Comunicação (FAAC) da UNESP, câmpus de Bauru. Silva foi empossado, juntamente com a nova vice-diretora, a socióloga Loriza Lacerda de Almeida, pelo reitor Antonio Manoel dos Santos Silva, no último dia 24 de novembro. Eles substituem, respectivamente, Cleide Santos Costa Biancardi e Sylvio Guilherme de Mello.

Além de consolidar os programas de extensão da FAAC, Silva tem outros planos. “Vamos também implementar dois progra-

mas de pós-graduação, que já funcionam mas que precisam ser encaminhados à Fundação Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior, Capes”, explica. “Essas e outras ações farão parte do nosso plano de gestão. Quanto ao espaço físico, tentaremos ampliá-lo. Hoje, temos 1.000 m² de área construída, mas precisamos de outros mil.”

Entre os planos da vice-diretora Loriza está o incentivo às atividades culturais no âmbito da FAAC. “Vamos apoiar manifestações nas áreas da música, literatura, teatro e artes plásticas”, diz. “Mas queremos que essas atividades se estendam além do mero ambiente acadêmico, que é inerente a uma universidade.”

3 x 4

José Carlos Plácido da Silva nasceu no dia 27 de março de 1957, em Piratininga. É casado e pai de dois filhos. Graduiu-se em Educação Artística, habilitação em desenho, em 1978, pela então Fundação Educacional de Bauru, hoje incorporada pela UNESP. Concluiu o mestrado em Desenho Industrial pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo,

da USP, em 1985, e o doutorado, em Geografia Humana, pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, também da USP, em 1991. Na UNESP, Silva ingressou em 1980, na Faculdade de Ciências e Tecnologia do câmpus de Presidente Prudente, de onde foi transferido, em 1989, para a faculdade que hoje dirige.

AGENDA

RELAÇÃO DOS EVENTOS PROMOVIDOS PELAS UNIDADES NO MÊS DE DEZEMBRO

ARARAQUARA

- 4 a 20/12. Período de inscrição para o curso de **Pós-graduação em Ciências Farmacêuticas**. Área: Pesquisa e Desenvolvimento de Fármacos e Medicamentos. Na Faculdade de Ciências Farmacêuticas (FCF). Informações: (0xx16) 232-0200, ramal 293.
- 7/12. Último dia de inscrição para o curso de **Especialização em Análises Clínicas**. Na FCF. Informações: (0xx16) 232-0200, ramal 293.

ASSIS

- 6/12. Comemoração ao Aniversário de 10 Anos do Curso de **Ciências Biológicas**. Na Faculdade de Ciências e Letras (FCL). Informações: (0xx18) 322-2933.



BAURU

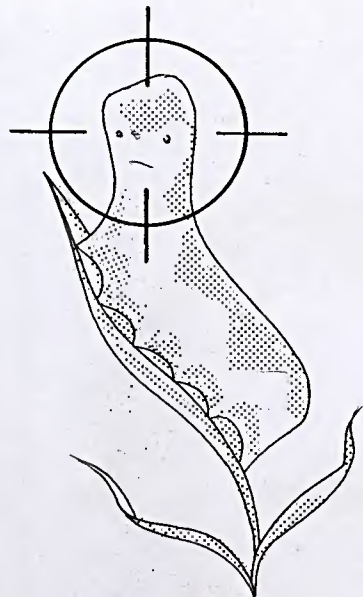
- 4 a 8/12. Período de inscrição para o curso de **Pós-graduação em Educação para a Ciência**. Área de concentração: Ensino de Ciências. Na Faculdade de Ciências (FC). Informações: (0xx14) 221-6077.
- 10 a 14/12. V Escola de Verão para Professores de Prática de Ensino de Física, Química e Biologia. No campus de Bauru. Informações: (0xx14) 221-6077.

JABOTICABAL

- 4 a 8/12. **Princípios Básicos de Microscopia Eletrônica de Transmissão**. Na Faculdade Ciências Agrárias e Veterinárias (FCAV). Informações: (0xx16) 3203-1322, ramal 202, 219 ou 230.

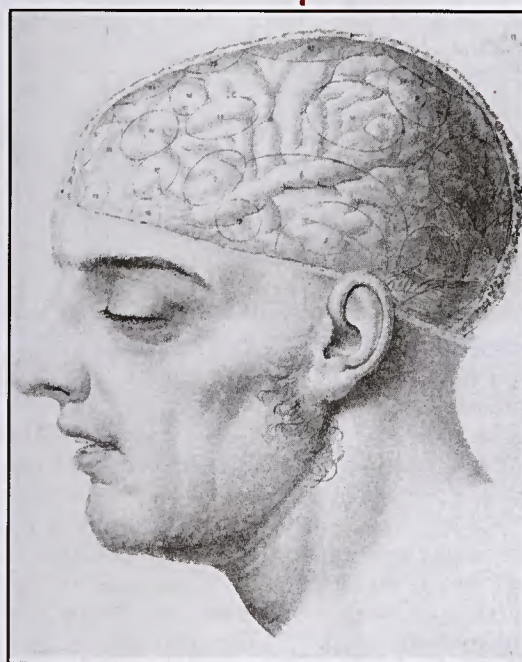
Atenção, unidades:

Prazo para envio de informações para a Agenda:
 - edição de janeiro/fevereiro, 15/01
 - edição de março, 15/02



RIO CLARO

- 15/12. 1º Fórum Nacional sobre Controle de Pragas Urbanas. No Instituto Biológico, São Paulo. Coordenação Prof. Dr. Odair Correa Bueno (IB). Informações: (0xx19) 526-4178.



Cérebro devassado: encontro internacional

S. J. RIO PRETO

- 8 e 12/12. **III Música de Natal** com o Coral IBILCE/UNESP. No hall de entrada do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas (Ibilce). Informações: (0xx17) 221-2456.

SÃO PAULO

- 4/12. **Cultura é um Bom Negócio: Lei Federal de Incentivo à Cultura**. Na Escola do Livro (Praça da Sé,108). Informações: (0xx11) 232-7171 ou 232-9555.

- 8/12. Palestra: **O Mistério da Massa**, que faz parte do programa Física ao Entardecer. Ministrada pelo Prof. Dr. Rogério Rosenfeld. Às 18h30. No auditório do Instituto de Física Teórica (IFT). Informações: (0xx11) 3177-9073 ou 3177-9029.
- 11 a 15/12. **Uma Livraria Virtual: Montagem**. Na Escola do Livro (Praça da Sé,108). Informações: (0xx11) 232-7171 ou 232-9555.

CIÊNCIA COGNITIVA

Inteligência em debate

Com especialistas de vários países, evento investiga temas como criatividade e comportamento inteligente

Área de investigação interdisciplinar que tem como objeto de estudo a mente e suas manifestações no comportamento inteligente, a Ciência Cognitiva reúne Filosofia, Biologia, Computação, Psicologia, Neurociências, Física e Linguística, entre outras áreas do conhecimento.

Especialistas do Brasil e do Exterior se reúnem, no IV Encontro Brasileiro Internacional de Ciência Cognitiva – Informação, Mentes e Complexidade, a ser realizado de 3 a 6 de dezembro, no Sun Valley Park Hotel, em Marília, justamente para discutir a capacidade de resolução de problemas, a aprendizagem e a criatividade. “O público-alvo são os pesquisado-

res da área da Ciência Cognitiva que buscam uma ampliação do debate interdisciplinar e crítico sobre a natureza da mente”, diz a presidente da comissão organizadora do evento, a filósofa Maria Eunice Quilici Gonzalez, do Departamento de Filosofia da Faculdade de Filosofia e Ciências da UNESP, campus de Marília.

No encontro, que ocorre a cada dois anos, estarão presentes alguns dos mais importantes pesquisadores do mundo, na área, como Benny Shanon, da Hebrew University de Jerusalém; Paul Verschure, do Institute of Neuroinformatics, de Zurique; e Marcelo Dascal, da Tel Aviv University. “Esses convidados possuem uma longa história na pesquisa cognitivista, além de terem publicado artigos em vários periódicos internacionalmente reconhecidos”, diz Maria Eunice. De 1º a 3 de dezembro, acontecem ainda *workshops* sobre Auto-Organização, Informação e o Processo de Aquisição de Hábitos; Visão Computacional e Sistemas Adaptativos; Aquisição de Habilidade Linguístico-computacional; A concepção freudiana de representação mental e sua relevância para a Ciência Cognitiva; e A dinâmica da relação mente e corpo. Informações: (0xx14) 421-1295.

LANÇAMENTO

Ecos do Oriente

Editora UNESP lança livro com performance e clássico do cinema

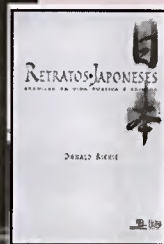
Vai ser um lançamento e tanto. A apresentação ao público de *Retratos Japoneses – Crônicas da vida pública e privada*, livro que traz perfis bem-humorados de Donald Richie, será precedida por uma *performance* levemente inspirada no polêmico filme *Império dos Sentidos*, de Nagisa Oshima, e pela exibição de *Era uma vez em Tóquio*, obra-prima de Yasujiro Ozu, um dos maiores cineastas do Japão. Os dois eventos serão realizados, no dia 4 de dezembro, a partir das 19h30, no Cinesesc (rua Augusta, 2073), na Capital.

Vivendo há mais de 50 anos no Japão, para onde foi enviado como datilógrafo da armada norte-americana, Richie, que também é cineasta, músico e pintor, é considerado o maior especialista vivo em cinema e cultura japoneses. *Retratos Japoneses* (Editora UNESP/Escrituras; tradução

de Lúcia Nagib; 256 págs.; R\$ 28,00) enfeixa pequenas histórias vividas por ele ao lado de pessoas como os cineastas Ozu, Oshima e Akira Kurosawa; escritores como Yasunari Kawabata, Daisetz Suzuki e Yukio Mishima; atores como Toshiro Mifune e Setsuko Hara; e até com

a imperatriz Michiko, que acabou por condenar-lo pelo conjunto de sua obra.

A *performance*, com direção de Márcio Aurélio, será interpretada pela atriz Débora Duboc, que concorreu, no Festival de Cinema de Brasília, ao prêmio de Melhor Atriz por seu papel no filme *Latitude Zero*, de Toni Ventura. O filme de Ozu, *Era uma vez em Tóquio*, trata da visita que Shukichi Hirayama e sua esposa fazem aos filhos, depois de uma ausência de mais de 20 anos. Despojado, preciso e depurado, é considerado a quintessência da obra de Ozu.



Clássico de Ozu e o livro: cultura japonesa

A sanidade nos pincéis

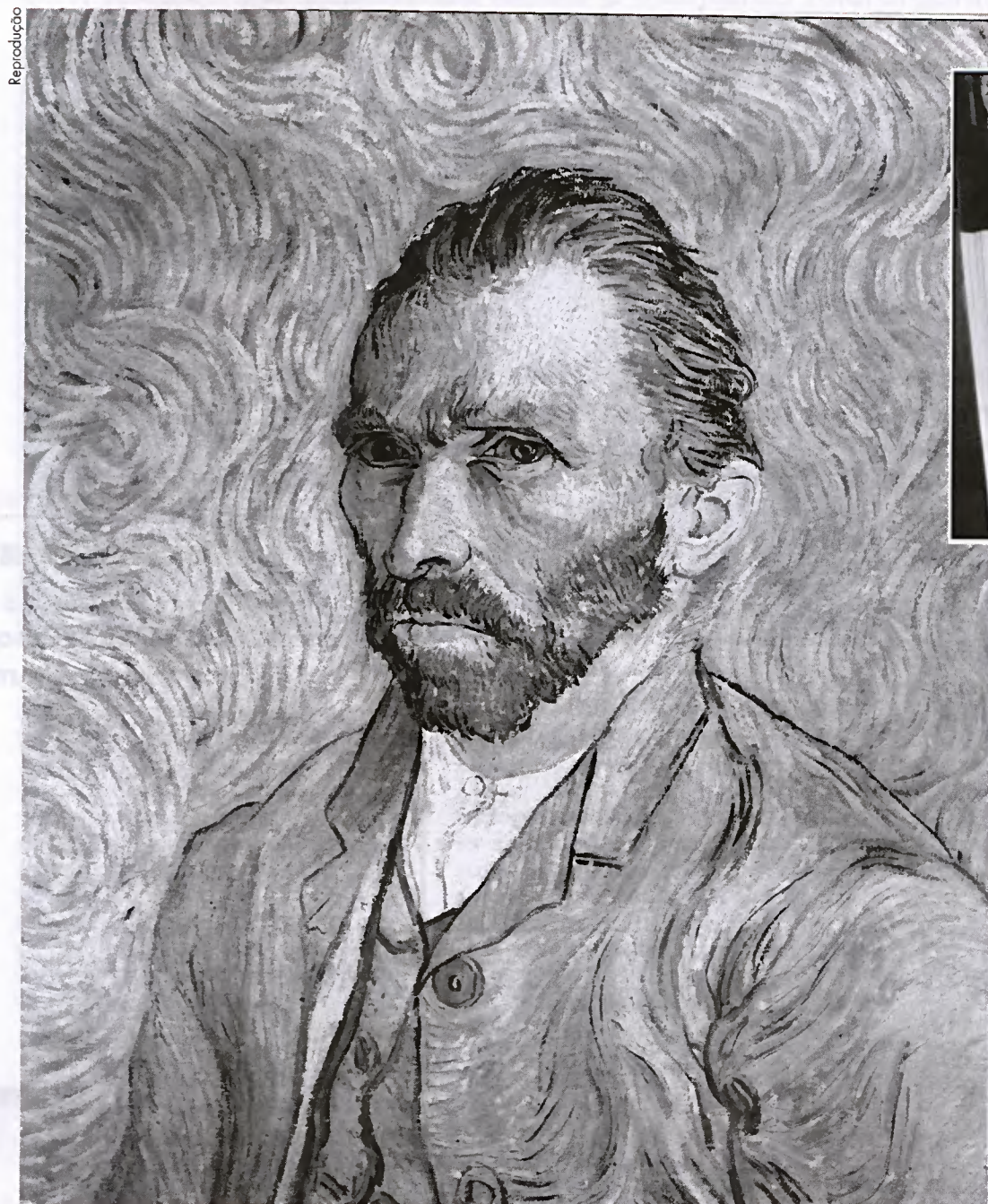
Pesquisando a vida e a obra de Van Gogh, psicóloga afirma que, de louco, o genial pintor holandês não tinha nada

Para muitos, o pintor holandês Vincent Van Gogh (1853-1890) é o exemplo perfeito de que genialidade e loucura costumam andar juntas. Em sua tese de livre-docência, recentemente defendida no Instituto de Artes (IA) da UNESP, câmpus de São Paulo, a psicóloga Claudete Ribeiro demonstra que as coisas não são bem assim – não, pelo menos, no que diz respeito ao autor de *Noite estrelada*. “Estudei a vida de Van Gogh e concluí que ele não pintava porque era louco, mas, ao contrário, empunhava os pincéis para manter a sanidade mental”, afirma.

Claudete analisou 39 telas – 38 pinturas a óleo e uma aquarela –, produzidas nos dois últimos anos de vida do artista, em Arles, no asilo de Saint Rémy, Provence, França, onde se internou voluntariamente, e em Auvers Sur Oise. Forma, configuração, luz, cor, movimento, dinâmica e expressão das imagens são analisadas numa proposta interdisciplinar, que busca abordar o objeto artístico à luz da psicologia. “Essas telas expressam plasticamente elos entre a Arte, a Psicologia e a História. Consigo assim mostrar como Van Gogh vivia imerso em conflitos existenciais, angustiado pela opressão do meio e por intensa solidão”, diz. “Também analisei as imagens a partir de depoimentos assimilados das cartas de Vincent ao irmão Theo.”

CIPRESTES

Primogênito de uma família de seis filhos, Van Gogh nasceu em Groot-Zundert, um ano após seu irmão homônimo, natimorto. Quando passava pelo cemitério, próximo a sua casa, via a lápide do túmulo do irmão, rodeado por ciprestes, tema recorrente na obra do pintor. “Essa coincidência de nomes evocou em Vincent o



sentimento de ser um impostor, uma pessoa morta psicologicamente, que vivia no lugar de outra”, analisa Claudete. “Este fato o marcou para sempre.” (Veja quadro.)

A pesquisa realiza um percurso pela vida e pela obra do artista, mostrando que seu grande amigo e confidente foi o irmão Theo, quatro anos mais novo, tão ligado ao irmão que morreu seis meses após o suicídio de Vincent, mergulhado em profunda depressão. “Vincent tinha uma personalidade depressiva, com sérios problemas de relacionamento. Refugiou-se na arte, relacionando-se com o mundo por meio das expressões pictóricas”, avalia a livre-docente.

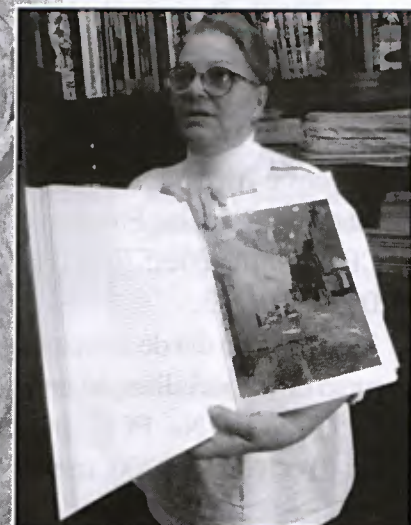
Após experiências frustradas como galerista de arte, profissão do tio, e pastor, ofício do pai, Vincent montou uma colônia de artistas em Arles, na célebre Casa Amarela, da qual participou o pintor Paul Gauguin. “A convivência entre os dois foi difícil. Após uma briga violenta, Gauguin foi embora e, num gesto de extremo descontrolado, Vincent cortou o lóbulo da ore-

lha esquerda”, conta Claudete.

ANGÚSTIA

As experiências de rejeição e o isolamento transformaram a pintura de Van Gogh. “Os pontos e traços, típicos das telas impressionistas, se tornaram vírgulas e curvas antecipadoras do expressionismo, mostrando a angústia do artista. Ele sublimava a dor, passando para as telas um sentimento de euforia, em que a cor amarela é essencial”, afirma a docente do IA. “Essa cor consistia num sinal de vida, harmonia e otimismo, expresso por espirais e grandes discos emoldurando o sol e as estrelas.”

O suicídio de Van Gogh é analisado por Claudete Ribeiro sob uma ótica que privilegia o drama psicológico que o artista enfrentava. Em 1890, soube do nascimento de Vincent Willem Van Gogh, filho de Theo, que recebera esse nome em sua homenagem. “Isso o fez pensar que o seu ciclo estava terminando, que era chegada a hora de um outro Vincent tomar o seu



DIAGNÓSTICO
Claudete e *Auto-retrato* (1890) de Van Gogh: distúrbio metabólico

lugar”, acredita a psicóloga.

Além disso, Theo informou ao irmão que estava em vistas de ser despedido da galeria de arte em que trabalhava e, se isso acontecesse, ele não poderia mais comprar as telas e as tintas para Vincent. “O artista acelerou então a produção, pintando tudo o que conseguiu”, acredita Claudete. “Em 27 de julho, tirou a própria vida com um tiro no peito. Fez isso quando se sentiu impedido de criar, de continuar com a sua arte, essencial para a manutenção do equilíbrio que lhe permitira sobreviver até então.”

A psicóloga do IA esclarece ainda que Vincent Van Gogh não era um esquizofrênico por desagregação da personalidade, como muitos apontam. “Ele não sofria de loucura, mas de um distúrbio metabólico, provavelmente genético, que gerava comprometimento orgânico e favorecia um estado emocional depressivo, que atingiu também o irmão Theo, a irmã Willemina e o caçula Cornelis”, diz Claudete.

Apesar disso, Vincent tinha convicção de que suas telas seriam melhor avaliadas no futuro. E não se enganou. Seu nome se tornou um mito na História da Arte e, entre as dez telas mais caras do mundo, três são dele. “Adiantado nas técnicas e nas novas resoluções criativas, estava em descompasso com o seu tempo, mas continuou pintando, apesar do descrédito e das rejeições”, conclui Claudete. “Sua obra encanta e seduz pela técnica e pela beleza. Deixou também a esperança de que um artista não necessita ser reconhecido de imediato e a confiança de que criar implica saúde e sanidade mental, não doença.”

Oscar D’Ambrosio



O pai, Theodorus: religiosidade

Outros quatro Vincents

Avô, irmão, tio e sobrinho homônimos ajudam na compreensão da obra

A livre-docência da psicóloga Claudete Ribeiro, do Instituto de Artes da UNESP (IA), câmpus de São Paulo, mostra que, para entender a vida de Vincent Van Gogh, é necessário conhecer a história da família do artista. “As habilidades artísticas da mãe, que chegara a pintar quadros na juventude, e a formação religiosa do pai, Theodorus, foram determinantes para a personalidade do pintor”, conta a pesquisadora. “Graças à

fantasia e à criação, ele manteve um certo equilíbrio mental, mesmo quando a própria família o considerava diferente e louco”, diz Claudete.

O homem e artista Vincent Van Gogh pode ser melhor interpretado, segundo a pesquisadora, se for realizado um mergulho na vida de mais quatro Vincents, todos muito ligados ao universo mental do pintor. “O primeiro foi o irmão que nasceu morto, um ano antes dele. O segundo era o tio e padrinho, tio Cent, um artista bem-sucedido. O terceiro, o

seu avô paterno, pastor de fama reconhecida. O último seria o sobrinho do artista, filho do irmão Theo, responsável pela criação da Fundação Van Gogh Museum, no Museumplein, Praça dos Museus, em Amsterdam”, conta a pesquisadora. “Ele tentou, em vão, ocupar o lugar do irmão morto e repetir o sucesso do tio e do avô, mas quem o redimiu para a arte foi o sobrinho, que valorizou sua obra perante o mundo.”

(O.D.)